O CAMPEÃO DAS PROVINCIAS

ANNO XLIII | **Assignaturas:** SEM ESTAMPILHA: Anno, 4$000 réis; Semestre, 2$000 réis; Trimestre, 1$000 réis; Avulso, 40 réis. COM ESTAMPILHA: Anno, 4$500 réis; Semestre, 2$250 réis; Trimestre, 1$125 réis; Avulso, 45 réis.—Pagamento adeantado. | PUBLICA-SE AS QUARTAS E SABBADOS | QUARTA-FEIRA 22 DE NOVEMBRO DE 1893 | **Publicações:** Correspondencias particulares, 40 réis por cada linha, no typo commum do jornal Annuncios, 30 réis por linha; Repetições, 20 réis, accrescendo o imposto do sêllo.—Recebem-se annuncios annuaes, mediante contracto especial. | NUMERO 4:317

CONSELHEIRO JOSÉ LUCIANO DE CASTRO

Impõe-se ao respeito e á consideração de quantos o conhecem, o homem que, occupando a posição eminente a que o guindaram os seus merecimentos, a superioridade do seu talento e a nobreza impolluta do seu caracter modelo, soube gravar no espirito e no coração de todos os que o cercam as linhas serenas da sua physionomia insinuante, os traços firmes da sua individualidade sympathica, a sua imagem prestigiosa e serena.

Alma aberta a todos os commettimentos grandes e generosos, conquistou depressa, na veneração nacional, o logar distincto a que ainda ninguem mais poude elevar-se.

E' que, sem offensa para ninguem, que muitos são os homens publicos d'este paiz a quem tributamos a homenagem da nossa consideração, o conselheiro Luciano de Castro se assignalou por uma forma verdadeiramente extraordinaria, extraordinaria de benemerencia e de serviços, na historia moralisadora da rehabilitação nacional e na cruzada humanitaria empenhada pelo seu amor profundo em prol da Liberdade e da Civilisação.

Veio um dia em que assumiu a direcção suprema d'um partido. Em cada uma das paginas da gloriosa epopeia d'essa associação politica, encontrou o conselheiro José Luciano muitos feitos de valor, que seguiu, e que o fizeram depois praticar, em cada acto, muitos exemplos de abnegação e de civismo no seguro exercicio constitucional.

Chefe prestigioso e querido d'essa agrupação partidaria, o conselheiro José Luciano soube comprehender bem como lhe cumpria defender a sacrosanta bandeira da Patria e a augustissima religião da Liberdade.

Votou a ambas todo o affecto da sua grande dedicação, toda a entranhada dedicação e todo o ardente amor do seu espirito, e—peregrina virtude é esta—apostolo sincero e fervoroso d'essa religião, elle é a força, elle é a vida, elle é o prestigio e o escudo das instituições.

Raras vezes, na historia das nações, se destaca tão brilhantemente uma individualidade da estatura moral e intellectual de José Luciano de Castro. Raras vezes, de geração a geração, se produz um talento tão possante, um espirito tão esclarecido, uma organisação assim privilegiada e uma actividade tão notavel, tão prestante, tão heroeca e tão benemerita. Porisso nos costumámos a querer-lhe com uma dedicação sem limites, e a veneral-o com o culto ardente das nossas mais acrisoladas crenças.

Porisso o *Campeão das Provincias*, este velho campeão da imprensa, que o illustre estadista honrou com os seus escriptos por largos tempos e que tão distincta e desinteressadamente ajudou a criar ha já 43 annos, se associa á manifestação dos seus presados camaradas lisbonenses, transcrevendo na integra o primoroso artigo do *Correio da Tarde*, publicando a gravura do seu respeitavel chefe e querido amigo, e dedicando-lhe o n.º de hoje como uma consagração solemne aos grandes meritos e aos benemeritos serviços do glorioso filho d'esta terra.

FIRMINO DE VILHENA.

* * *

Por mais que se queira illudir ou disfarçar é evidente que a nacionalidade portugueza atravessa uma das crises mais difficeis e mais graves de toda a sua historia. Erros accumulados, effeitos perniciosos da indisciplina dos espiritos, perturbação das consciencias, inversão dos principios, desagregamento consecutivo de todas as forças moraes, dissolução gradual e progressiva dos costumes, crescente desrespeito pelas formulas consagradas dos direitos e dos deveres de todos e de cada um, excesso d'um individualismo audacioso e sem escrupulos, tudo isto, aggravado dia a dia, accrescentado de novos desvarios, n'uma decadencia galopante, desgraçaram o paiz e collocaram-n'o á beira do abysmo.

Houve um momento em que a politica contraria ao existente, aproveitando o descontentamento que lavrava por todo o paiz, contando com a desillusão dos velhos e com a phantasia dos novos, dispondo de certos recursos para armar á popularidade, tentou commover e agitar a nação sob a promessa do estabelecimento de um regimen, que, mantendo e consolidando a tradição liberal-democratica do povo portuguez, fizesse resurgir o velho e glorioso Portugal das navegações e das conquistas predestinado para novos engrandecimentos e para novas glorias. Abriu-se uma campanha apaixonada, vehemente e tenaz, esperando-se apenas a opportunidade melhor para dar o golpe decisivo que havia de abrir um novo e amplo horisonte ás ambições d'uma nova e audaciosa democracia.

O mal, porém, de que enfermava a sociedade portugueza, generalisara-se e não tardou muito que os dirigentes da politica nova, não demonstrassem que estavam contaminados pelo mesmo *virus* pernicioso da decadencia. Fazendo uma politica externa desastrada, praticando actos attentatorios do brio, do decôro e até da propria integridade da nação, dividindo-se e subdividindo-se, avassalados em parte pelo radicalismo, inutilisados para a lucta pela perda da auctoridade moral, mercê de repetidas incoherencias e de constantes desvarios, quebrada a disciplina por ambições irrequietas e por dissentimentos pessoaes, os apostolos d'essa nova ideia a breve trecho desprestigiados, fizeram convencer o paiz de que nem tinham forças nem aptidões, nem valor de auctoridade para lhe merecerem a confiança.

No meio d'esta grave conjunctura, que circumstancias occorridas nos ultimos tempos tem tornado excepcional, melindrosa e difficil, um partido houve, que em vez de ceder á influencia nefasta da decadencia que avassalou a sociedade portugueza, por uma singular força derivada das suas tradições de honra e de lealdade, do seu espirito eminentemente liberal, dos seus sentimentos de abnegação e de desinteresse conseguiu manter-se no seu posto, fiel aos seus principios, intencional e propositadamente afastado do poder, para que outros, que haviam sido julgados aptos para fazerem governo, o fizessem tranquillos e á boa paz. Durante tres annos esse partido nem uma só difficuldade, nem um só embaraço causou aos governos, prestando-lhes o mais incondicional dos appoios, na imprensa e no parlamento, com uma irreprehensivel lealdade.

Perante as tendencias desaggregadoras e dissolventes da politica portugueza, o partido progressista tem dado em tres annos, d'espectativa tolerante e benevola, o bello e edificante exemplo d'uma completa e inteira solidariedade, augmentando e fortalecendo as suas sempre tão numerosas fileiras, consolidando por todo o paiz o seu prestigio e a sua influencia, attrahindo as sympathias dos homens honestos e imparciaes pela correcção da sua attitude, pela nobreza da sua isenção patriotica, pela inquebrantavel austeridade dos seus processos de administração e de politica. N'este momento se ha partido que mereça e possua a confiança do paiz, com o reconhecimento da hombridade e honestidade dos seus homens publicos, é o partido progressista. Esta verdade está na consciencia de toda a gente.

A posição singular que o partido progressista readquiriu na politica portugueza, deve-se unica e exclusivamente á direcção esclarecida, patriotica, habil e prudente do sr. conselheiro José Luciano de Castro. Homem de levantada intelligencia e de pouco vulgar illustração, jurisconsulto, parlamentar e estadista de grande estatura, tido e reconhecido como um dos mais lidimos caracteres da politica portugueza, a todos merecendo o mais subido respeito e confiança a mais completa, conservando em tudo e por tudo as *immaculadas tradições do glorioso partido* progressista, fiel seguidor dos exemplos de dedicação, de lealdade e de patriotismo dos grandes marechaes progressistas, o honrado duque de Loulé, o altivo e brioso marquez de Sá, o venerando e digno Anselmo Braamcamp, o austero e popularissimo bispo de Vizeu, o sr. conselheiro José Luciano de Castro, é hoje a mais poderosa individualidade da politica portugueza.

O tacto com que o eminente estadista dirigiu e regulou a acção do partido progressista durante este longo e angustioso periodo de crise que vem de 1890, em que o seu desinteresse pessoal e partidario fez prova tão brilhante, a firmeza e a energia com que soube conservar-se no seu logar, impondo-se ao respeito e á consideração dos altos poderes dirigentes, o tacto, diziamos, com que o sr. conselheiro José Luciano de Castro, procedeu n'estas excepcionaes circumstancias consolidariam a sua reputação de homem politico de altissimo valor e merecimento, se na sua longa carreira publica ella não estivesse já consagrada. Para o illustre chefe do partido progressista se voltam n'esse momento todos os homens verdadeiramente patriotas, que julgam chegado o momento de pôr termo á desoladora anarchia, que perturbando seriamente a administração politica do paiz, começa a ser um perigo para a liberdade e para a independencia nacional.

Na sua attitude desinteressada, não ambicionando, nem requestando o poder, mas não se eximindo ás responsabilidades d'elle, quando a sua intervenção fôr julgada indispensavel e necessaria, conservando ciosamente toda a sua authoridade moral e politica, o sr. conselheiro José Luciano de Castro, cercado de affeições e de respeito, é hoje o mais seguro fiador dos destinos do seu partido, que n'elle inteiramente confia e que a elle completamente se entrega. De todos os pontos do paiz nos chegam testemunhos os mais irrefragaveis da solidariedade do partido progressista em volta do seu illustre e nobilissimo chefe. Na hora actual, sem ambições que não sejam as do bem da patria, sem irrequietismos e sem impaciencias de especie alguma, o partido progressista une fileiras, não com bellicosos intuitos, mas por um sentimento de propria defensa para qualquer eventualidade.

N'estas circumstancias, nós julgamos cumprir um dever de dedicação e de lealdade partidaria, renovando publica e solemnemente *ao sr. conselheiro José Luciano* de Castro, os protestos da nossa consideração, do nosso respeito, da nossa sympathia e da nossa adhesão. Estamos convencidos de que este testemunho de solidariedade traduz n'este momento, em toda a sua plenitude, os sentimentos do velho e glorioso partido de que s. ex.ª é o illustre chefe e que se fosse possivel fazer um plebiscito nacional para a consagração d'esta homenagem, a grande maioria dos homens livres, honestos e justos do paiz se associaria a ella. O partido progressista acérca-se do seu eminente e prestigioso chefe, confiando plenamente nos seus destinos, que são os da grandeza, da gloria e da liberdade da patria.

Que a ninguem pareça estranho que julguemos agora opportuno affirmar e assegurar a cohesão do partido progressista e a sua perfeita unidade de acção. Não é um movimento de estrategia politica, que tenha por fim demonstrar o valor das nossas forças e ostentar a disciplina que tem sido briosamente mantida nas nossas fileiras.

Não é uma provocação á guerra, é apenas uma serena e inoffensiva manifestação de sentimentos pacificos. Entendemos que no actual momento historico importa ao prestigio das instituições a concentração e o fortalecimento dos partidos monarchicos. Ha questões pendentes que inesperadamente podem envolver os mais valiosos interesses da nação portugueza e determinar uma acção mais effectiva, mais directa e mais efficaz dos partidos. A administração publica está reclamando uma larga e profunda reforma, que corrija abuzos e desmandos, a todos os respeitos muito para deplorar, e que discipline os costumes politicos que nos ultimos tres annos tem soffrido sensivel quebra.

N'estas circumstancias, é opportuno desenrolar-se a bandeira do partido progressista, com a sua immaculada divisa de moralidade, de economia e de patriotismo. Ha por esse paiz fóra, por onde alastrou largamente o desalento e a descrença, o começo de man forte reacção moral contra a desordem dos principios e o desprestigio dos homens de governo, que está caracterisando esta angustiosa phase da politica portugueza. Não queremos accentuar agora a responsabilidade do aggravamento d'esta situação, nem lembrar as fortes desillusões que trouxe ao paiz o malogro recente de esperanças que pareciam fundadas, na alta investidura politica de um parlamentar illustre e distincto, ambicioso de influencia e de gloria, dispondo de apreciaveis dotes de espirito e de caracter, que não póde ou não soube corresponder á confiança que n'elle foi depositada. No meio de geral e profundo descontentamento, que bem manifesto é, produz-se um significativo movimento de justiça em favor do partido progressista. O sr. conselheiro José Luciano de Castro, é hoje a mais alta personificação d'esse partido e o seu grande e nobre caracter, reflectindo as assignaladas virtudes civicas dos nossos mais preclaros estadistas, dá-lhe, na actual conjunctura, uma authoridade moral que correspondente inteiramente ao sentir e ao pensar do paiz, que, confiando na sua energia, no seu tacto, no seu espirito liberal, na sua inconcussa probidade, na sua nunca desmentida dedicação pela patria e pelas instituições, na escrupulosa e exacta observancia dos principios da escola progressista, n'elle encontra as mais seguras garantias que póde dar um estadista do vulto do sr. conselheiro José Luciano de Castro, ás aspirações e aos desejos mais sinceros dos seus concidadãos.

(Do *Correio da Tarde.*)

* * *

Os partidos constitucionalmente organisados, desempenham hoje, na existencia politica dos povos, o papel que os grandes exercitos desempenhavam na vida das nacionalidades. A uma direcção correcta e habil póde dever a patria a salvação da sua integridade. A uma politica moralisadora e levantada, póde um paiz dever a rehabilitação da sua dignidade e do seu credito, no vasto concerto das nações.

A missão da parte dirigente é por igual gloriosa e nobre. Os que batalham pela honra da bandeira nacional, chamam-se—heroes. Os que trabalham na conquista da civilisação—benemeritos.

José Luciano de Castro, pertence a esta notavel pleiade. Por isso, hoje, como sempre, serão para elle as nossas dedicações do partidario, os protestos da nossa amizade de ha muitos annos, e as homenagens sinceras da nossa admiração pelas virtudes do seu caracter honradamente excepcional.

MANUEL FIRMINO D'ALMEIDA MAIA.

* * *

De todos os homens publicos portuguezes é este o mais bemquisto e respeitado, porque nenhum ha que mais trabalhe, que mais estude, que mais sacrifique os seus commodos e vantagens pessoaes ao bem publico, que mais acima de todas as conveniencias partidarias ou das suas sympathias individuaes colloque a integridade do seu caracter, a rigidez dos seus principios e a dignidade da sua posição.

Costumei-me desde creança a admiral-o, como exemplo do que póde a força de vontade alliada a um talento superior.

Depois, no fundo de todos os horisontes que a carreira publica me abriu, vi sempre desenhar-se o seu portentoso vulto, aureolado de geniaes explendores.

Hoje corresponde elle a todas as aspirações do meu espirito, porque é nas relações pessoaes meu amigo, na sciencia meu mestre, e na politica meu chefe.

J. M. BARBOSA DE MAGALHÃES.

* * *

Raro costumam os homens do nosso tempo fazer justiça, em vida, aos que se elevam, pelo seu talento, á esphera das mais grandiosas encarnações sociaes, e se destacam, na galeria dos paladinos da civilisação, pela austeridade do seu caracter, pela superioridade do seu talento, pela rectidão dos seus principios e pela sua dedicação á causa publica.

Os beneméritos da patria precisam, muitas vezes, que o sello da morte lhes torne inviolavel o tumulo, para que os odios se escondam, e se callem as invejas e as paixões. Só então a opinião publica se abeira da materia inerte para glorificar n'ella o espirito, que a fez grande, como se tivesse medo de que a materia animada podesse surgir mais formosa na tella explendida da historia, e escurecer, com as fulgurações do genio, o busto de muitas nullidades, que o accaso faz apregoar de illustres.

E esta apotheose é generosa, mas póde deixar de ser justa, de ser sincera, de ser merecida. Por isso mesmo que os egoismos emudecem, que não lembram já os resentimentos e as paixões para cobrir de respeitos a memoria do amigo ou do adversario, nem sempre a verdade resalta, em toda a sua deslumbradora pureza, no quadro que se destina á posteridade.

E' preciso que a consciencia de um povo julgue do merecimento de um homem, quando o tem deante de si, em toda a pujança da sua vitalidade, em pleno exercicio de toda a sua actividade intellectual. Por esta fórma, as virtudes e os erros, os meritos e os vicios serão julgados pelo tribunal insuspeito da opinião publica, e o perfil moral do homem será fatalmente desenhado com verdade e correcção em todos os seus finos lineamentos, sem que o favoreçam os respeitos, a que um tumulo tem direito, ou o projectam os cyprestes, que lhe sombreiam a campa.

Mas, rarissimos homens illustres assistem n'este paiz, á propria apotheose. E' mister que a sua individualidade se alevante a um nivel muito distincto, que a aureola do seu talento se irradie n'uma area infinitamente grande, para se fundirem, n'um momento, os odios em homenagens de respeito, as emoluções n'um fremito de admiração, os despeitos n'um tributo de justiça. E esta suprema transformação—que é ao mesmo tempo um nobre exemplo de quanto vale a consciencia do paiz ao julgar um homem e os seus actos, —acaba de sagrar, como benemerito da patria, o conselheiro José Luciano de Castro, Presidente do Conselho de Ministros e Ministro do Reino.

Não é vulgar que a existencia de um homem tenha merecido mais cuidados e originado mais graves aprehensões aos amigos desvellados e aos adversarios intransigentes. Durante a doença que prostara no leito o sr. conselheiro José Luciano, uns e outros se olhavam no silencio das grandes commoções, como se da vida do illustre presidente do conselho dependesse o equilibrio da administração publica, como se o seu passamento produzisse no organismo constitucional do paiz um d'estes cataclysmos excepcionaes, que alteram profundamente a normalidade de todas as funcções, e destroem pela base o elemento primordial de todos os progressos.

Havia nos circulos politicos um ambiente pesado, caliginoso, em plena calmaria lugubre, das que precedem as grandes tempestades e ameaçam as profundas alterações athemosphericas. Os mais energicos reagiam contra a duvida, que alanceava todos os corações. Os menos fortes, temiam o desenlace da crise, na horrivel tortura de quem vê desmoronar-se n'um instante um edificio de esperanças para o paiz, e de venturas para a causa publica.

Esta anciedade, esta vacillação dolorosa da opinião, durante a doença do sr. conselheiro José Luciano de Castro, é a mais augusta, a mais grandiosa apotheose que póde consagrar-se ao homem, que tem dedicado todos os brilhantes recursos da sua intelligencia, todos os mais puros affectos da sua alma á causa das liberdades e dos progressos do seu paiz.

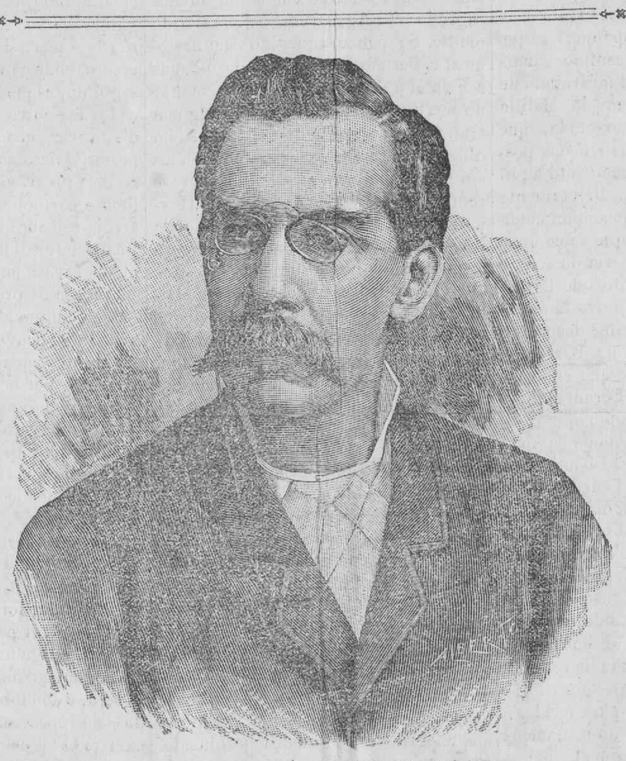
E n'este campo, entre a pleiade distincta dos que mais têm trabalhado na conquista dos modernos adeantamentos nacionaes, o sr. conselheiro José Luciano tem de occupar indiscutivelmente o primeiro e mais notavel logar, sem que precise, para essa glorificação, dos favores dos seus amigos, ou das benevolencias dos adversarios. Sinceramente liberal, e devotado sem interesses á causa da monarchia, o seu vastissimo talento, a austeridade profunda do seu caracter, a inquebrantabilidade dos seus principios conquistaram-lhe o logar proeminente que occupa no seu partido e no seu paiz. Tudo o que é, deve-o exclusivamente ao trabalho, sem descanço, da sua intelligencia. E quem consegue chegar ao mais levantado grau da hierarchia social, após uma lucta sem tregoas, tremenda, cyclopica, em que cada dia que passa se assignala, na existencia, por uma nova victoria de affeições, por uma nova aureola de sympathias, tem merecido sobejamente a sagração augusta, que n'esta opportunidade a consciencia nacional lhe celebra.

E n'este sublime protesto da consideração publica, n'este concerto unanime do paiz em honra do seu mais distincto cidadão, não *poderia* faltar quem tão profundamente respeita a virilidade do seu espirito, e a vastidão do seu talento. E se não fomos dos primeiros a seguir o cortejo dos applausos, temos a convicção intima, que nasce da consciencia, de que somos dos mais fervorosos admiradores das suas virtudes, dos mais sinceros respeitadores do seu caracter.

Saudando no sr. conselheiro José Luciano de Castro, a mais levantada gloria do districto d'Aveiro, cumprimos o mais sagrado e o mais legitimo dever de patriotismo, e uma das mais justas e vehementes inspirações da nossa consciencia.

6 de dezembro de 1886.

FERNANDO DE VILHENA.



CONSELHEIRO JOSÉ LUCIANO DE CASTRO

A dissolução e o "Jornal do Commercio,,

E' muito notavel o que diz, n'um dos seus ultimos numeros, o *Jornal do Commercio*, de Lisboa, dirigindo-se ao Rei. São suas as seguintes palavras:

.....

«Ao governo nada diremos, porque é bem de vêr que só sabe ouvir as sugestões do espirito partidario. Mas á Corôa, não podemos deixar, com todo o respeito, de observar, que, quando os seus ministros lhe dizem—Conceda, meu senhor, a responsabilidade é toda nossa!—preferem apenas uma absoluta inexactidão. A responsabilidade é só de Vossa Magestade! Porque, repetimol-o —elles vão-se e Vossa Magestade é que fica para endossar perante a opinião as responsabilidades de tudo quanto elles o tenham levado a fazer para regalo das suas ambições. Não se illuda o Chefe do Estado, com a viciosa interpretação que os que lhe affrontam o poder pretendam dar ao principio constitucional da iresponsabilidade regia! A verdade superior é que o paiz tem, e não póde deixar de ter, em conta o bem ou o mal proveniente dos actos praticados pelo Rei, no livre direito de os praticar ou não.»

Se todos fallassem assim ao monarcha, se todos escrevessem como o *Jornal do Commercio* tem escripto a este respeito, a ignorancia nas altas regiões—a ignorancia do estado das cousas—seria bem menor.

Eleições?

Está desde hontem em Aveiro, o sr. Carlos du Bucage, deputado por este circulo. S. ex.ª vem, ao que se diz para fazer constar, por causa da escola industrial. Ha quem affirme, porém, que o sr. Bucage vem para mostrar-se, como inicio de proximos trabalhos eleitoraes. E' possivel. Mas para isso não lhe vale a pena gastar tempo e dinheiro. O sr. Carlos du Bucage, foi eleito pelos progressistas, contra toda a mais violenta guerra das opposições colligadas. Não o esqueça nunca, e sirvam-lhe estas palavras de aviso.

NOTICIARIO

Notas da carteira.—Faz ámanhã annos o nosso prezadissimo amigo e benemerito deputado da nação, sr. Francisco de Castro Mattoso. S. ex.ª passa o dia de ámanhã no seu solar da Oliveirinha, onde não faltarão amigos dedicados a felicital-o.

Posse.—O nosso amigo, rev.º sr. José Marques de Castilho, tomou posse, na segunda-feira, da cadeira de latim, do lyceu nacional d'esta cidade, para que foi nomeado interinamente. Foi acompanhado até aqui, por muitos cavalheiros d'Agueda, que vieram assistir áquelle acto.

Restituição justa.—Está finalmente restituido ao seu antigo logar o sr. Bernardo de Faria Magalhães. O acto abusivo e altamente injusto do sr. Dias Ferreira recebeu a devida correcção no procedimento do actual ministro do reino. Oliveira do Bairro folga com a reentrada do seu antigo administrador e do seu mais desvellado amigo no exercicio da administração que por tantos annos tão honrada e dignamente exerceu. Recebam os habitantes d'aquelle concelho, por isso, os nossos parabens, tão sinceros como dedicados.

Bombeiros Voluntarios.—Trata-se de effectuar proximamente, no *Theatro Aveirense*, e em beneficio da humanitaria companhia de bombeiros voluntarios d'Aveiro, tres espectaculos, a que decerto concorrerão todas as boas dedicações d'esta terra. Está-se tratando para isso com uma das melhores companhias do paiz.

Liquidação—O nosso prezado amigo, sr. Francisco Elias dos Santos Gamellas, proprietario do magnifico estabelecimento Gamellas & Filho, que foi o primeiro d'esta cidade e districto, annuncia hoje a liquidação d'elle, pois que se retira da vida commercial. E' escusado encarecer os artigos que o activo commerciante vai liquidar, pois que de todos é conhecida a excellencia e a qualidade dos generos expostos. Chamamos, pois, para o annuncio a attenção dos leitores, nenhum dos quaes deixará por certo de aproveitar a occasião.

Julgamento.—Entrou na segunda-feira, em julgamento, o dr. Urbino de Freitas. Por falta de testemunhas, foi addiado para hoje. Cre-se porém, que ainda hoje se não verificará, pois que por parte do réo se empregam todos os meios de dilação. O reu oppoz artigos de suspeição ao juiz sr. Ernesto Kop. Apesar d'isso e visto o indeferimento do pedido, o reu foi intimado para comparecer hoje na audiencia. Diremos afinal o que se passar.

Bilhete postal. — Pelo correio da Figueira, recebemos a seguinte communicação:

Cadima, 18, 11, 93.—No dia 16 d'este mez, sahiram no apeadeiro de Lemede, umas mulheres e um homem, que se diz vinham de roubar. Uma sucia de homens e rapazes, foram aprehender-lhe alguns objectos, como córtes para calças, etc. E por fim deixaram fugir aquelles. *A. F.*

Trabalho de pesca.—O mar permittiu hontem o trabalho, havendo-o por conseguinte em algumas costas. A pesca foi, porém, de pouco valor—pequenissimas quantidades de pilado com alguma sardinha. Parece entretanto que a sardinha tende a approximar-se, porque a pesca fez differença. As companhas que mais cedo lançaram as redes, pescaram menos; as que mais tarde foram, melhor pescaram—quer dizer, mais alguma amostra de sardinha trouxeram. Depois já hontem se viam lanchas poveiras em grande de quantidade, velejando do norte para o sul, e isso é indicio de que a sardinha se aproxima. Se assim for, o anno pode ainda ser bom, tambem por que não ha sardinha e a que vier a haver ha de dar muito dinheiro.

De pesca da ria não tem havido falta. As aguas do monte produzem sempre bem para as pescas na grande bacia. O mercado tem estado abastecido apezar mesmo da exportação que d'aqui se faz para differentes pontos do reino e mesmo para alguns de Hespanha.

Naufragos.—Já chegáram a esta cidade os nossos patricios, marinheiros da chalupa *Amizade*, e do hiate *Pires 1.º*, naufragados em Portimão. Vinham miseravelmente.

Noticias d'Arouca.—Communicam-nos d'alli: — Estamos outra vez em estado de sitio! Cá temos policia d'ahi e uma força d'infanteria. E' ainda o convento a causa do terror, pois o sr. juiz, dando ouvidos aos nossos inimigos, tem dado andamento a processos, que lhe hão de dar muitos desgostos além do susto!

Vão desaparecendo. —Morreu no dia 15 no extincto convento da Falperra, em Braga, Frei Joaquim Ferreira de Almeida, leigo egresso da extincta ordem dos Missionarios Apostolicos de S. Francisco, natural de Sangalhos, concelho de Anadia, onde ainda tem alguns parentes. Foi dos primeiros frades que estiveram no convento da Falperra, onde depois professou. Tinha approximadamente 90 annos, conservando-se sempre fiel á regra da sua Ordem, sendo por todos reverenciado como um santo. Estava sendo sustentado pelo que recebia do governo—uns 8$100 por mez—e tambem pelo producto da cêrca do extincto convento, o qual lhe era deixado gosar pelos mezarios da irmandade de Santa Maria Magdalena. Pouco tinha de seu, porque tudo quanto podia juntar era pouco para a pobreza e até para as maltas de ladrões que antigamente andavam por aquelles sitios e que constantemente lhe batiam á porta, exigindo de comer e beber. Ainda assim o *Fradinho da Felperra* fez testamento, declarando n'elle que as juntas de bois que possuia, era producto das soldadas do seu creado de lavoura, e que todos os moveis e aprestos da agricultura pertencem á irmandade de Santa Maria Magdalena.

Vão desaparecendo os padres regulares. Infelizmente para a sociedade, do tomo de Frei Joaquim, raros são os que se contam.

A agricultura no Alemtejo. — Não é animador o estado das cousas alli. A engorda dos porcos que n'esta quadra se effectua por todo o Alemtejo, tem sido contrariada por bastantes revezes. A bolota já de si em quantidade muito diminuta, soffreu grande avaria com os calores prolongados do mez d'outubro. Muita cahiu antes de attingir a maturação, outra apodreceu. Veio o mez de novembro com os seus aguaceiros moderados que poderiam em parte resalvar as perdas occasionadas pelos sóes d'outubro. O gado suino, porém, achou-se mais ou menos atacado do *pesunho* que, prostrando o animal, o inhibe de poder procurar a alimentação na terra e o põe n'um estado febril, mais ou menos duradouro.

Para atalhar a propagação da molestia foi adoptado, quasi geralmente, o systema de isolamento. Foi raro o lavrador que não teve o seu *hospital*, constando de um cerrado em que eram mettidos os porcos que iam cahindo. O tractamento dos doentes constou pouco mais que em ministrar aos reclusos o alimento e agua em abundancia. Se ha algum remedio para esta molestia, por alli não se conhece, ou pelo menos não se applica. Tanto mais que ao cabo de poucos dias o animal melhora, e, sem ter feito despeza volta são e escorreito para o rebanho.

Mas não ha ninguem que não reconheça o prejuizo enormissimo que esta doença, poste que não seja mortal, produz ao lavrador.

Foi importada para o concelho de Montemor-o-Novo, a feira d'Ayres. O mal tende a desapparecer quasi por completo.

Os olivaes não apresentam a terça parte da novidade ordinaria. Receia-se a carestia do azeite. Começou o apanho da azeitona. E', além de pouca, muito enfézada.

Despachos judiciaes. —Verificaram-se os seguintes:

Caetano Silvestre de Almeida, escrivão em Portalegre, declarado para ser substituido, por impedimento fisico.

Francisco Ferreira de Carvalho, escrivão do 1.º districto do Porto, transferido para o 3.º.

Eugenio Marianno Salgado, escrivão na ilha de Santa Maria, transferido para o 1.º districto criminal do Porto.

Abel do Nascimento Pereira Magro, escrivão em Mertola, nomeado para Portalegre.

Eduardo Carvalho de Almeida, contador em Santa Cruz, transferido para Cezimbra.

Alfredo Pinheiro, nomeado contador para Santa Cruz.

Francisco José Figueiredo Lenhão, demittido de escrivão de paz em Parada, comarca de Castro Daire.

Transferidos os delegados: Albano Leite Ribeiro, de Odemira para Rezende.

José Tavares Alçada, de Rezende para Odemira.

Bernardo Xavier Moraes Cabral, de Moimenta da Beira, para Ponte do Lima.

Adolpho Kruger Garção, de Faro para Ourique.

Antonio Joaquim Guerra, de Ouri que para Faro.

Joaquim José dos Reis, delegado em Ponte do Lima, exonerado a seu pedido.

Despachos ecclesiasticos.—Fizeram-se os seguintes:

O presbytero Jorge Furtado da Ponte, apresentado na egreja do Espirito Santo da Maia, no concelho da Ribeira Grande, diocese de Angra.

O presbytero Alberto de Oliveira Cunha, apresentado na egreja de S. Nicolau da Feira, no concelho d'este nome, diocese do Porto.

O presbytero José Tavares Camello, apresentado na egreja de S. Miguel de Travassô, no concelho de Agueda, diocese de Caimbra.

Foi acceita a desistencia do presbyto Antonio Rodrigues Candosa, da egreja da Varzea de Goes, no concelho d'este nome, diocese de Coimbra.

Despachos da fazenda.— Effectuaram-se os seguintes:

O sr. José Joaquim Correia, antigo official addido á repartição districtal de Castello Branco e antigo escrivão de fazenda, foi aposentado com a pensão annual de 466$666 reis.

Os senhores Manuel Neves Ribeiro, escrivão de fazenda em Almeirim, e Ernesto Vieira de Mattos, idem na Chamusca, foram transferidos mutuamente a seu pedido.

Ao sr. Jacome Bruges, escrivão de fazenda em Ponte da Barca, licença de 60 dias.

Ao sr. José Diogo Lemos, 1.º aspirante da repartição districtal de Aveiro, licença de 30 dias, sem vencimento.

Mais.— Por despacho de 17, foram transferidos os seguintes empregados da alfandega de Lisboa:

Para o Porto os verificadores Filippe Nery de Faria e Silva e Arthur Amorim Sieuve de Segnier; 1.ºs officiaes Alexaadre Lopes Botelho e Annibal Cesar de Oliveira Borges; 2.ºs verificadores Antonio Augusto da Silva e Francisco dos Santos Pinto; 3.º official Joaquim Lucio de Sousa Barradas e Francisco Augusto da Silveira Almeida Vilhena; 3.ºs verificadores Rodrigo Moreira Rato, Joaquim Augusto Cecilia Kol e João Paulo dos Santos.

Para o Funchal: 1.º official José Paes de Vasconcellos; 2.º official José Victorino Damasio Ribeiro e 1.ºs aspirantes Marcellino Augusto da Costa Monteiro e Albano da Cunha.

Para Angra do Heroismo: 3.º official Guilherme Xavier de Basto e 1.º aspirante José Carlos de Lara Everard.

Para Ponta Delgada o 1.º aspirante João Deodato d'Avila e Sousa.

Para a alfandega de Lisboa foram transferidos: 1.º verificador, addido, Carlos Maria de Vasconcellos Sobral; 2.º verificador Manuel Pinheiro; 1.ºs aspirantes, addidos, José Joaquim Martins Pamplona, Francisco Malaquias Gagliardini e Feligenio d'Andrade Albulquerque Bettencourt; 2.ºs aspirantes Antonio Ignacio de Sousa, Francisco Manuel de Medeiros Correia Junior, Luiz Fernando Coelho Mexia, Paulo Perestrello da Camara, Alexandre Augusto de Castro e Theotonio Pamplona Corte Real; 3.ºs aspirantes José Gaspar Teixeira, Manuel Pereira de Mattos Sousa, João d'Ornellas Bruges e José Borges do Canto Barcellos.

Estas transferencias são resultantes da collocação e distribuição do pessoal aduaneiro, obedecendo aos preceitos legaes, isto é, indo os mais modernos de cada classe occupar as vagaturas que existiam nas differentes alfandegas do continente e ilhas. Os mappas respectivos devem ser brevemente publicados, dando-se o praso de 30 dias para os interessados apresentarem as suas reclamações. Mandaram-se logo expedir as competentes communicações visto achar-se tão proxima a epoca da renda das casas.

Conflicto hispano-marroquino.— Os jornaes hespanhoes já indicam o nome do official hespanhol implicado no contrabando de armas descoberto em Melilla. E' o tenente de Africa Carlos Fernandez. Por causa d'este contrabando tambem foram presos os hebreus Samuel, Isac e Benamie. Este ultimo, rico commerciante de Melilla, ao ser preso offereceu ao official da guarda civil uma grossa quantia para que o deixasse fugir. O official, indignado, mandou que o conduzissem algemado para a prisão. Espera-se o descobrimento de muitos cumplices, e o assumpto promette cousas incriveis e responsabilidades estupendas. A morte de Ben-Abdalá, um dos caudilhos dos riffenos, é assim referida por uma folha hespanhola:

« Os canhões dos fortes e dos navios de guerra protegiam a operação de reabastecer os fortes, fazendo verdadeiros estragos *nas massas riffenas*. A' frente de um forte esquadrão achava-se Ben-Abdalá, preparando-se a carregar contra as tropas hespanholas, quando cahiu sobre sobre o grupo de mouros uma granada que, ao rebentar, estendeu sem vida varios cavalleiros, entre elles o caudilho que os dirigia. Morto Ben-Abdalá retiraram-se os riffenos desordenadamente. Um jornal attribue ao general Lopez Dominguez as seguintes declarações:

« Desejava que as operações em grande escala começassem quanto antes, a fim de impedir que os mouros se munam de novos elementos contra os nossos soldados. Comtudo o governo e eu temos confiança no general Macias, que conhece perfeitamente as condições de Melilla, e que não perderá um momento para tirar todo o proveito possivel da campanha. As ultimas noticias que temos são favoraveis visto que as forças riffenas diminuiram de um modo consideravel, diffundindo-se o desalento entre ellas. »

Recebeu-se em Malaga uma carta de Tanger em que o seu author affirma ter ouvido dos labios do encarregado de negocios do sultão a seguinte phrase, que parece explicar o que Muley-Hassan tenciona fazer com relação ao castigo das tribus riffenas: — « Que tenciona fazer o sultão ?» perguntaram-lhe. — « Um rosario de cabeças — respondeu — com os chefes das tribus de Erajana, Mazuza, Benisicar e outros que compromettera a paz do do imperio. » E é muito provavel que esta ameaça não fiique só em projeto.

De Madrid participam o seguinte em data de 14: «Diz-se que o general Macias expremiu ao ministro da guerra desejos de que não seja permittida a ida a Melilla de qualquer militar estrangeiro. Parece que o general Lopez Dominguez está conforme n'este ponto com o chefe do exercito expedicionario, não concedendo a authoração que tinham requerido os addidos militares ás embaixadas estrangeiras n'esta côrte. » No dia 14 chegou a Melilla o vapor *Sevilha*, que conduzia a bordo o regimento de infanteria de San Fernando. O desembarque das tropas fez-se com facilidade.

— Segundo informa um correspondente, nos centros officiaes de Madrid affirma-se insistentemente que começarão brevemente as operações em grande escala no campo de Melilla. A chegada a esta praça de novos reforços, as terminantes ordens transmittidas ao commandante do cruzador encarregado de conduzir o novo armamento Mauser e a actividade que se observa no ministerio da guerra, tudo faz suppôr que se está em vesperas de acontecimentos importantes. Affirma-se tambem que em breve praso o general Macias começará a avançar em direcção aos aduares dos riffenos. Alguns jornaes hespanhoes tratam de incitar o governo hespanhol a que colha da campanha os resultados mais práticos possiveis, e que no tratado de paz com o sultão, a área de Melilla seja de tal modo augmentada, que nunca de futuro as tribus riffenas possam assaltar a praça como até aqui.

Sahiu de Barcelona, directamente para Melilla, a brigada commandada pelo general Rivera e que se compõe do regimento de infanteria da Asia e dos batalhões de caçadores de Barcelona e Affonso XII. O povo barcelonez fez aos soldados uma despedida enthusiastica. Os caes de Barcelona estavam cheios de gente que victoriava sem cessar as tropas. Foram embarcadas, além d'isso, no vapor que conduz a brigada, 180 tendas de campanha, 1:500 granadas, 500 bombas de metralha e 1.000:000 de cartuxos. De Melilla dizem que está completamente terminado o acampamento das Horcas Coloradas, tendo-se já n'elle installado diversos regimentos. Está se procedendo activamente á construcção de outro acampamento junto do porto de Santiago. A aglomeração de tropas em Melilla começa a produzir resultados que se temiam. Escasseiam os viveres e tambem a carne para feridos. Referindo-se aos effeitos do armamento Mauser, diz um correspondente:

« Uma avançada composta de atiradores armados de espingardas Mauser, disparou alguns tiros a 2:000 metros de distancia do acampamento mouristco, conseguindo matar alguns mouros e ferir outros. Alguns riffenos, que tentavam levar o cadaver do que fôra primeiramente morto, foram alcançados tambem pelas balas, ficando bastantes fóra do combate. »

Os aduares de Farajana e Benisicar, bombardeados pelos canhões dos navios de guerra, soffreram grandes destroços. Os tiros eram tão certeiros, que as granadas cahiam dentro das casas, causando n'ellas total ruina. Entre as casas destruidas, contavam-*se os quarteis de cavallaria* mourisca,

Com relação ao tenente Fernandez preso como implicado no delicto de contrabando de armas, diz a *Epocha* que até ao presente só tem apparecido pequenos indicios de culpabilidade, e que mesmo alguns d'estes indicios não se téem provado. O mesmo jornal acrescenta que é de esperar que a honra do exercito hespanhol não seja maculada com a culpabilidade de um dos seu membros.

Participam de Malaga que partira d'alli em direção a Melilla a familia do general Margallo, tendo ido despedir-se d'ella á estação do caminho de ferro os generaes Urrnela e Lara e muitas outras pessoas. A viuva do general Margallo pediu uma audiencia á rainha regente. Os ultimos telegrammas de Melilla para os jornaes de Madrid dizem que os mouros estão a longa distancia do territorio hespanhol e em pequeno numero, sendo por isso o fogo de artilheria da praça muito espaçado.

No dia 15, antes de romper o dia, sahiu em direção ao forte de Cabrerizas Altas um destacamento de soldados armados de espingardas Mauser e de presidiarios, levando munições para o forte. O destacamento chegou ao forte, sem ser inquietado pelo inimigo. No regresso para Melilla, porém, travou-se um pequeno combate, sendo repellidos os mouros.

Diz a *Correspondencia* que o general Lopez Domingez não partirá para Melilla emquanto que o general Macias não lhe participar que estão promptos todos os acampamentos, que chegaram as espingardas Mauser e que se acham em Melilla tropas que formarão o exercito expedicionario.

—A imprensa de Madrid começa a debater a questão do que deve fazer a Hespanha com relação á paz que o sultão de Marrocos offerece e tambem com respeito ás indemnisações e compensações que tem a reclamar. Um jornal que temos presente, diz que o exercito expedicionario deve apoderar-se do mente Gurugú que domina Melilla, ficando em poder da Hespanha logo que se restabeleça a paz, ainda que para isso tenha de renunciar á construcção do forte Aguariach, que motivou o conflicto actual e a sublevação dos riffenos. A construcção do forte Aguartach, diz o referido jornal, não terá grandes vantagens materiaes, mas será de um valor moral enorme Para o deixar de construir, é preciso que o sultão dê grandes compensações moraes e materiaes, e n'esse caso está o monte Gurugú. Não falta quem objecte que isto equivaleria a uma alteração do *statu quo*. Crêmos que é levar a cousa muito adiante pretender que se alteraria o *statu quo* em Marrocos, se de commum accordo com o sultão trocassemos o terreno mais ou menos sagrado de Aguariach pelo referido monte. Se por conquista o occupassemos, caberiam esses escrupulosos; mas a uma simples permuta com o senhor do territorio, não é crivel que alguem tenha cousa alguma que oppôr. Além d'isso, quantos se acham interessados em que o conflicto de Melilla não se reproduza, verão com agrado a Hespanha occupar no territorio d'aquella praça uma posição bastante forte para a garantir contra futuras aggressões. O cume do Gurugú, fortificado e artilhado com peças de grande alcançe que teriam sob os seus fogos todas as tribus visinhas, preencheria bem esse fim. Sem duvida seria custosa, mas não hade ser muito barata a do forte Aguariach. Aquella dar-nos-hia grandes vantagens, e este á parte a sua valia moral, de pouco nos poderá servir. Com relação á indemnisação pecuniaria, póde ser que o governo marroquino a regateie mais ou menos; cremos, porém, em principio, que a não negará. O sultão quer sustentar a sua soberania no Riff, e é justo que tal ostentação lhe custe alguns sacrificios, como a nós nos custa o possuir n'aquelle territorio selvagem uma praça.

Quanto ás operações, os jornaes hespanhoes pouco ou nada adiantam aos telegramas que temos publicado. Entre os officias do exercito expedicionario existe grande desgosto motivado pelas noticias inexactas que transmittem os correspondentes hespanhoes aos jornaes que representam. Parece que o general Macias será obrigado a tomar medidas extraordinarias contra aquelles correspondentes. Com respeito aos correspondentes estrangeiros, o general Macias respondeu á consulta que lhe fizera o ministro da guerra, dizendo que não havia inconveniente em que fossem admittidos em Melilla. Em vista d'esta resposta, o governo hespanhol authorisou os correspondentes estrangeiros a poderem partir para a Africa. Calcula-se que Meley Arasf, irmão do sultão, chegue aos limites do territorio do Riff por estes cinco ou seis dias. Como participou o telegrapho, Meley Arasf é enviado pelo sultão ás tribus riffenas com o fim de admoestar severamente por terem rompido as hostilidades com a Hespanha.

O attentado de Barcelona. —Um telegramma de Barcelona para os jornaes de Madrid diz que foram postos em liberdade doze dos individuos presos em consequencia da explosão occorrida no theatro do Liceo. Continuam presos o italiano Saldani e outros anarchistas, sobre os quaes recahem vehementes suspeitas de que sejam authores e cumplices do atroz attentado. Um outro despacho da mesma capital affirma que foi preso alli o anarchista Fontanells, em cuja casa encontrou a policia dez bombas explosivas e consideravel numero de cartuchos dynamite. Tambem foi presá uma mulher chamada Asunciou Balberila. Foi encontrada na varanda da casa em que está o Centro Liberal de Barcelona uma bomba explosiva, de fórma e tamanho das que foram encontradas no theatro Liceo. O descobrimento da bomba causou não pequeno sobresalto na capital catalã, por demonstrar que os anarchistas não afrouxam no seu empenho de destruição. A policia redobra as suas pesquizas na perseguição de conhecidos anarchistas alguns dos quaes abandonaram Barcelona por temerem a acção da justiça.

Informa tambem um correspondente de Barcelona, que o cadaver de uma das victimas da explosão, Benedecta Pellegrinch, irmã do soprano do theatro do Liceo, depois de embalsamado, fôra conduzido para bordo do vapor *Calabro*, com destino á Italia. O feretro, sob o qual se viam tres magnificas corôas, foi acompanhado até bordo por muita gente, que formava um longo cortejo, á frente do qual se achava o governador civil de Barcelona. A policia prendeu n'essa occasião dous individuos suspeitos que iam no cortejo e que parecem ter tomado parte no nefausto attentado.

Tragedia n'uma caça ás féras.—Os jornaes que recebemos da Beira, Africa, dão conta da seguinte tragedia, que consternou toda a população d'aquella cidade e de Fontesvilla:

No dia 22 de setembro, o sr. Gray, que habitava no acampamento perto da milha 40 do caminho de ferro, saiu á caça nas cercanias. Em meio da sua digressão foi surprendido pelo apparecimento de uma feroz leôa, que o sr. Gray cumprimentou com uma bala, ferindo a n'uma côxa. A féra arremetteu contra o intrepido caçador, que, para evitar o ataque, subiu a uma arvore proxima, e sobre ella se conservou por bastante tempo, porque o terrivel animal, desesperado de dôr rugia em baixo. Finalmente, a leôa retirou-se e o sr. Gray voltou ao acampamento, onde contou a aventura. No dia seguinte, esquecido já o perigo, o caçador fez outro passeio, indo, porém, d'esta vez acompanhado por quatro pretos. Quiz o acaso que a leôa reapparecesse: o sr. Gray alvejou a, mas falhou o cartucho. Então a raivosa féra arroja-se sobre o seu aggressor e prostra-o immediatamente, dilacerando-lhe as carnes com as possantes garras, emquanto os pretos, transidos de susto, se retugiavam trepando ás arvores que lhes ficavam mais perto. O sr. Webb, que caçava alli perto, approximou-se por acaso do local d'esta lucta terrivel, e assim se lhe deparou o quadro horroroso; mas tão estreitamente a fera apertava a si a victima prostrada, que aquelle não disparou temendo alcançar com o projectil o infeliz Gray. Fez logo descer um dos pretos, que correu em busca d'uma machila; no entretanto o animal largou a presa retirando-se, e o desgraçado caçador foi conduzido n'um estado deploravel para o acampamento.

Alli chegados, o sr. Webb pensou em organisar uma batida contra aquella féra, e sendo o seu desejo secundado pelo representante dos srs. Dorrbecker & C.ª e pelo sr. Lémone, cidadão francez, partiram todos mas o ultimo commetteu a imprudencia de não se armar convenientemente, e assim, marchando pelo matto distanciados 20 metros uns dos outros, encontraram a leôa, que logo se arremessou sobre o sr. Lémone, sem dar tempo a que algum dos dois outros lhe pudessem atirar. Repetiu-se uma sanguinolenta lucta, em que todas as vantagens eram da carniceira leôa, que esphacelava e triturava cruelmente um dos braços do infeliz, não sendo possivel fazer fogo, porque as duas testemunhas d'este espectaculo de dôr justamente receiavam ferir o companheiro; aproveitando, porém, um momento opportuno, o representante do sr. Dorrbecker atirou, alcançando a carnivora fera por uma côxa, e com uma bala mais certeira, o sr. Webb tombou-a finalmente morta. Lémone estava horrivelmente ferido n'um braço e perna, mas vivia ainda. Foi immediatamente conduzido a Fontesvilla, n'um wagonete, mas, não sendo possivel fazer-se-lhe a amputação do braço, falleceu pouco depois. O sr. Gray, esse foi transportado para a Beira, porém, quando deu entrada no hospital, sobreveiu lhe uma erypsella que lhe invadiu todo membro locomotor, esquerdo e parte do tronco, sendo baldado o empenho de salval-o. Morreu tambem poucas horas depois. Apresentava enormes ferimentos na região do sacro, na perna e braço esquerdos além de muitos outros menos importantes produzidos todos pelas garras da leôa.

As tropelias do sr. Fuschini

A *Aurora do Lima*, incriminando o actual ministro da fazenda pelas tropelias que pratica, escreve no seu ultimo n.º o seguinte:

Chegaram hontem a esta cidade os medicos, srs. drs. Schindler, Agostinho Lucio e Ordaz, a fim de inspeccionarem o sr. dr. João Eduardo Lobo de Miranda, ex-delegado do thesouro n'este districto e actualmente collocado em Angra do Heroismo. A inspecção deu em resultado o julgarem incapaz de todo o serviço o sr. dr. Lobo de Miranda. Ainda hontem terminava o praso para a apresentação das reclamações que a lei facultou, e já o sr. ministro da fazenda se deu pressa em mandar inspeccionar o digno funccionario, com medo talvez de que elle seguisse para o seu novo destino, e fosse assim *empatar as vasas* dos arranjos e promoções que já estavam premeditadas.

Tudo vae correndo á medida dos desejos do sr. Fuschini. Deslocando injustamente de Braga o sr. Côrte Real, e de Vianna o sr. dr. Lobo de Miranda, não houve outro intuito que não fosse o compellir estes funccionarios a sollicitarem a sua reforma. Está conseguido este fim.

Aquelles dois antigos empregados prestavam excellente serviço, eram tidos na melhor conta, e ambos, especialmente o segundo, tinham exercido com muita distincção commissões importantes. Pois apezar do seu estado physico não ser exactamente o d'uns valetudinarios já sem prestimo algum, foi-lhes imposta severamente a reforma, pois outra cousa não era o ordenar-se-lhes bruscamente a sua transferencia do continente para as ilhas. E assim as coisas vão correndo n'esta epoca em que se apregoava o imperio da moralidade nas coisas publicas, e o proposito da economia mais restricta no funccionalismo.

Os srs. medicos que mencionamos, seguiram para Valença, a fim de alli inspeccionarem outro funccionario, dizendo-se aqui que era o chefe da delegação fiscal d'aquella zona.

E' até onde pode chegar a sencerimonia e o arrojo escandaloso d'um ministro. E pregava moralidade e economias, o insigne sentorião da *Liga!* D'estas só praticou o sr. Dias Ferreira. D'este quilate só os temperantos d'estes dois ultimos ministros da fazenda!

OS PARTIDOS POLITICOS EM PORTUGAL

1830-1832

II

(*Continuação*)

Tomada Lisboa e levantado o cerco do Porto, Saldanha vendo que não era chamado á capital, resolveu partir abruptamente para aqui, a fim de melhor patrocinar os seus interesses e os do seu partido. Foi um acto de indisciplina que o proprio D. Pedro se apressou a cohonestar mandando-lhe expedir uma ordem de chamamento com ante-data.

Recuperada Lisboa, e restabelecido alli o governo constitucional, transferiram-se para alli as luctas politicas que já vinham da Terceira e do Porto. O governo não se expurgou dos seus odios e malquerenças e a opposição, essa, não só o imitou, mas até mesmo o excedeu, se era possivel.

«Já se tem visto como D. Pedro, na sua chegada á Europa, se rodeára dos homens que, fazendo-lhe perder o seu natural caracter de principe singelo e franco, o levaram a lançar-se no espirito de partido, e animar pela sua conducta cada vez mais as discordias, que dividindo os portuguezes na emigração, os conservara cada vez mais divididos durante o cerco do Porto. Fóra d'esta roda de homens, que elle mesmo formára o seu governo, estabelecendo por conseguinte um partido, em cujo gremio entraram logo como principaes caudilhos todos aquelles individuos a quem as differentes vicissitudes politicas tinham nobilitado, ou tornado distinctos pela sua partilha no poder desde as côrtes de 1821 até áquelles tempos. Contra os abusos que todos estes homens se haviam arrogado praticar na sua maior, ou menor gerencia governativa, se formára egualmente um outro partido forte e energico, o qual, cheio cada vez de novas e mais fortes razões contra semelhantes homens, a quem aliás attribuia todos os erros politicos, commettidos desde aquelle anno tinha tomado successivamente mais corpo, e ter uma opinião irresistivel em quasi todas as classes da sociedade, depois da restauração de Lisboa. Eis aqui, pois, o partido da opposição, combatendo forte e systematicamente os ministros da regente, contrariando-lhes as suas crenças, estigmatisando a sua politica e perventendo-lhes até a marcha regular do seu governo, ainda nas mais somenos causas publicas.»

Levar-nos-hia muito longe se fossemos a historiar as consequencias que advieram á politica partidaria da organisação dada á fazenda e á justiça pelo decreto de 16 de maio de 1834, por assim dizer só principiada a pôr em pratica depois de restabelecido o governo constitucional em Lisboa, as perseguições feitas aos miguelistas, os favores sem conta dispensados aos amigos do governo, emfim os enormes preparativos para a montagem da machina eleitoral, como hoje se diria.

Não era só a opposição que se mostrava descontente com a marcha politica do governo, no proprio gabinete havia egualmente quem assim pensasse, e foi isso que motivou a sahida do marquez de Loulé, que em 3 de outubro de 1833 pediu e obteve a sua demissão de ministro dos negocios estrangeiros. Dias depois, em 15, fallecia o ministro do reino Candido José Xavier, pelo que se teve de recompor o ministerio, entrando Joaquim Antonio d'Aguiar, que ficou com a pasta do reino, e Francisco Simões Margiochi, que teve a da marinha. Com a da guerra e estrangeiros ficou Agostinho José Freire, e com a da fazenda e da justiça José da Silva Carvalho, já anteriormente ministros. Dos novos nomeados pode-se dizer que um pertencia ao partido ministerial e outro á opposição. Aguiar, apesar de ter feito parte da expedição de Saldanha á Terceira e com elle haver seguido para França, não seguiu a sua politica, e em vez de se deixar ficar como tantos outros n'aquelle paiz voltou á Terceira e ahi combateu como soldado e como tal seguiu na expedição do Mindello, desempenhando no Porto algumas commissões importantes. Margiochi, esse, liberal avançado em 1820, foi durante a emigração um dos mais considerados membros do partido saldanhista de cujo chefe era tambem amigo particular e dedicadissimo. Apesar da recomposição, a politica ministerial não soffreu alteração, a não ser uma tal ou qual moderação que principiou a estabelecer-se a respeito dos sequestros nos bens dos miguelistas ausentes, medida que não só tinha levantado queixas por parte da opposição mas até do governo inglez, que chegou a ameaçar o de Portugal em retirar-lhe a sua cooperação, quando não adoptasse uma marcha mais moderada.

Em data de 25 de outubro de 1833 publicou o conde da Taipa uma carta dirigida a D. Pedro contra os ministros. O ultimo periodo d'ella é este: «Portanto, senhor, pelo amor da minha patria, pela gloria de Vossa Magestade, pelo triumpho da justiça e sobretudo para que não vá ao mundo, que o governo de Vossa Magestade pouco defere do governo typo da infamia—o do senhor infante D. Miguel—eu peço a Vossa Magestade, que consegue o seu conselho d'estado, e informando-se melhor, abre com a justiça, que está no seu coração.» Fez pouca sensação esta carta, pois a maior parte das accusações que n'ella se faziam eram em parte infundadas, mas escriptas, já não succedeu porém assim com outras duas que vieram de reforço a esta e que foram, uma por D. Francisco de Almeida, depois conde de Lavradio, encarregado dos negocios de Portugal em Pariz, com data de 1 de novembro, e outra por Sebastião Xavier Botelho, antigo governador geral de Moçambique. O partido opposicionista augmentava assim em numero e redobrava a violencia dos seus ataques, muitos que a principio se conservavam indifferentes, desilludidos com a politica do governo, vinham agora declarar-se opposicionistas.

Nem todos, porém, assentavam arraies entre as hostes que reconheciam a Saldanha por chefe; eram na verdade opposicionistas mas não saldanhistas. Entre estes contavam-se quasi todos os pares do reino que se haviam conservados fieis á carta e por isso haviam emigrado, alguns outros fidalgos, e bem assim differentes magistrados e elevados funccionarios. Era uma opposição aristocratica, e tinha por chefe o marquez de Palmella que querendo gurrear o ministerio, e ou porque não desejando ficar subordinado a Salda-

---

10 **FOLHETIM**

HENRIQUE PEREZ ESCRICH E FRANCISCO DE P. ENTRAAL

MAGDALENA

PROLOGO

NA TERRA E NO MAR

XI

UM ROUBO INDUSTRIOSO

Paulo foi desde aquelle dia o complemento da felicidade de Samuel. O pobre velho passava as horas de descanço acariciando aquelle menino que Deus lhe enviara e suspirava quando o dever o arrancava de junto d'elle. Assim passou um anno. N'este intervallo, perguntou por Magdalena, mas todos os seus esforços foram inuteis para descubril-a. Tinha morrido talvez! O que sómente poude fazer foi procurar meios seguros de conservar ao orphão a fortuna que Marmontel lhe deixára.

—Quando fôr mais crescido, quando tiver quinze ou vinte annos, fallar-lhe-hei de sua mãe e do modo como foi salvo. Até então devo occultar-lhe a sua desgraça, não o affligir com a recordação de seus paes, e augmentar-lhe os bens da fortuna. Como o cura não quizesse conservar a herança de Paulo em seu poder, com receio que lh'a roubassem, pensou em depositál-a n'uma casa de bastante confiança. Nenhuma lhe parecia melhor do que a do successor de Marmontel, o qual chegára do Mexico alguns mezes antes e que era, segundo diziam, modelo de honradez, mais caritativo do que o primeiro, fazendo com as suas praticas christãs, severos costumes, e extremosa affabilidade, esquecer a memoria gloriosa do velho armador.

Occupava-se tambem em empresas navaes, e não faltava quem o julgasse resolvido a retirar-se á côrte ou a outro ponto, pelo supporem possuidor de uma riqueza fabulosa.

A verdade é que Guilherme Moran empobrecera no Mexico, e fugindo dos credores, viera á Hespanha, onde soubera pelo proprio Strey do naufragio do *Poderoso*, noticia que o contristára em vez de o alegrar, porque nem já desejava o triumpho, nem podia satisfazer ao americano a quantia promettida. Entretanto, Moran entretinha John com boas palavras, fingia grande habilidade para os negocios, mentia muito, occultava a sua ruina verdadeira por meio de boatos lisongeiros que fazia correr a seu respeito, n'uma palavra, enganava toda a gente. John ameaçava-o mostrando-se disposto a patentear o estado da sua casa; Moran promettia, e o tempo ia encadeando aquelles dois infames com o laço indestructivel de uma reciproca cumplicidade.

O padre Samuel, alheio a tudo isto, apenas sabia que a sua casa estava sempre á disposição do desvalido, que vivia luxuosamente, e que se desempenhava dos compromissos com uma pontualidade inexcedivel.

Além d'isso Moran tinha muito cuidado em não ser visto na companhia de Strey, o qual criminava diante de algumas pessoas, deplorando ao mesmo tempo a ruina do *venerando Marmontel*, como elle dizia. Quem havia de adivinhar tanta maldade e tanto cynismo sob palavras tão cortêzes! Confiado n'ellas e disposto a não reter por mais tempo uma quantia cuja perda poderia causar-lhe a morte, o padre Samuel pegou em todos os valores que Marmontel lhe entregára, entrou n'uma lancha, e, sem nada dizer a Paulo, porque não estava ainda na edade de comprehendel-o, transportou-se á habitação de Moran.

Recebeu-o este afavelmente, e ouviu a petição do pobre parocho com a maior serenidade.

— Muito bem; — respondeu elle — interessado pela fortuna d'este menino, que me recorda mais uma vez as infamias do homem abominavel a quem chamam John Strey, cuidarei d'este dinheiro como se fôra meu. Recebeu a importancia, dissimulando a sua alegria, entregou ao padre um documento e despediu-se, reiterando-lhe a sua alegria por haver tirado de sobre si tão grande pêso, pondo ao mesmo tempo em segurança a herança de Paulo, e dormiu com a tranquillidade de um santo. Durante os primeiros mezes, recebeu pontualmente os juros do dinheiro, e dava graças a Deus por haver tido a feliz lembrança de depositar nas mãos de Moran a fortuna do seu pupillo. Entretanto, Moran chamára John, entregára-lhe vinte mil duros, e vendo-se perseguido por este para que lhe désse maior quantia, contara-lhe o occorrido, isto é, que o dinheiro não era d'elle, nem do padre Samuel, mas do filho da pobre Magdalena.

— Pois bem; — respondeu John com pasmoso sangue frio — dividâmos esses milhões, e fica terminada a questão.

Moran ameaçou-o.

— Não me importa, retrucou Strey, se continuar a ameaçar-me, declaro tudo; que poderá succeder? Fiz sossobrar o navio, certo, mas o senhor ordenou-m'o: eu exijo, é verdade, mas o senhor prometteu-me; perderei este dinheiro, mas o senhor perderá o credito e a honra, não podendo restituir a quantia que lhe confiaram como deposito. Moran, como veremos mais tarde, não temia os homens nem as balas, porém aterra-o a justiça. Disposto a transigir, obstou á saida de John, dizendo-lhe:

— Pois bem arranje um meio de eu salvar a minha responsabilidade, e annuirei ao seu desejo.

— Nada mais facil a um commerciante: as quebras são frequentes, e...

— Seja! — atalhou Moran — Estou decidido.

No mez seguinte faltou aos pagamentos, fingindo-se arruinado. Entretanto John navegava para Inglaterra, levando comsigo a fortuna que um dia devia pertencer ao filho de Anselmo. Sabedor da ruina de Moran, o padre Samuel correu a sua casa. O traficante negou-se a recebol-o desde então; mas quanto mais se negava, mais amiudava o cura as suas visitas, até que por fim não tendo outro remedio, deixou-o entrar um dia no seu escriptorio e manifestou-lhe em poucas palavras que o offendiam as suspeitas, e que lhe era impossivel responsabilisar-se por uma causa que dependia de outras muitas pesssoas e não só d'elle. Samuel regres ou triste e desconsolado ao seu retiro; começou a emmagrecer, a adoecer, perdeu o somno, e não faltou quem, ao vêl-o sempre meditabundo, sempre murmurando com a preoccupação dos dementes: « eu tenho a culpa», affirmasse que o padre estava louco.

Passou outro anno, e o pobre sacerdote disse comsigo:

— Não posso deixar passar mais tempo d'este modo; se Moran recusar receber-me, recorrerei aos tribunaes.

E na manhã d'aquelle mesmo dia despediu-se de Paulo, que por seu desamparo e desgraça era o seu unico amor na terra, chegou á praia, metteu-se no bote, e dirigiu-se a casa de Moran. Chegado alli, annunciou-se suspeitoso; mas Moran veio logo recebel-o, abraçou-o cordialmente, censurou-lhe com duçura a sua passada desconfiança, e disse-lhe que, em resultado de um negocio proximo a realisar-se, ficava seguro o seu dinheiro.

O bom do sacerdote chorou de alegria, recobrou a perdida tranquillidade, deu graças a Deus, e ouviu sem receio as seguintes palavras pronunciadas por Moran.

— De hoje a oito dias poderá o senhor padre Samuel receber metade do capital.

Oito dias depois voltou o padre, mas Moran havia fugido.

Desde então, o pobre velho caiu em silencio profundo e melancolia mortal. Assim permaneceu muitos mezes em sua casa, sem fallar com pessoa alguma, resolvendo-se por ultimo a abandonar a povoação, onde deixava tantas affeições, mas onde tambem lhe amarguravam a existencia dolorosas lembranças. Tendo alcançado outra parochia, despediu-se dos seus freguezes, e retirou-se com Paulo para Tarancon, aldeia situada na estrada das Cabrillas, a treze ou quatorze leguas de Madrid. Que succedera entretanto a Magdalena e a Simão?

Vamos sabel-o.

(*Continua.*)

nha ou porque o seu modo de pensar se distanciasse bastante das ideias excessivas, então advogadas por uma grande parte da opposição, formou um terceiro partido com os seus amigos e parentes. Era para receiar o novo partido, pois, além dos pares do reino contava em seu seio os conselheiros d'estado José Antonio Guerreiro e Francisco Manuel Trigoso de Aragão Morato, vultos verdadeiramente notaveis e cuja opinião fazia pezo para o lado que se inclinasse. Este novo partido trabalhava por conta propria, mas na questão de guerra ao governo fazia causa commum com o saldanhista.

A publicação das tres cartas a que ha pouco alludimos, foi a primeira manifestação publica de opposição do partido aristocratico ao governo. Depois vieram outras sendo uma das mais notaveis, as queixas que ao governo fez n'uma reunião do conselho d'estado (19 de novembro) o marquez de Palmella e que Trigoso perfilhou e aos restantes membros do conselho, não desagradaram egualmente. Parece que D. Pedro se desgostou immenso com isto, mas fanatisado pelos ministros declarou abertamente n'esta mesma reunião que os conservava no poder e que a politica d'elles era a sua.

Aberta tão rudemente a campanha pela opposição aristocratica contra o ministerio, era mister continual-a e foi isso o que fez o conde da Taipa, escrevendo uma segunda carta a D. Pedro, onde se accumulavam muitas e graves accusações contra o ministerio. Ou porque fosse escripta n'uma lingua. gem muito mais violenta do que a primeira, ou porque a natureza das accusações que n'ella se amontoavam fossem muito mais graves, é certo que produziu muito maior sensação do que aquella, chegando até a pôr em grave risco a existencia do ministerio, mas d'isto foi elle o unico culpado. Tendo mandado aprehender quantos exemplares pôde e feito prender o dono da typographia onde fôra impressa, quiz encarcerar tambem o auctor do famoso libello accusatorio. Este procedimento arbitrario do governo levantou logo dois protestos por parte dos pares do reino, que assim se apressaram a pugnar pela immunidade da camara e independencia do poder legislativo. Estes protestos produziram sensação e deram immensa força ao novo partido aristocratico que se pensasse em empolgar n'essa occasião o poder por meio d'uma revolução, teria por seu lado uma grande parte do exercito e até a propria armada, pois Napier era um dos que mais acentuadamente guerreava o ministerio. Era tal o receio que isto succedesse que para evitar que Saldanha viesse em auxilio de qualquer movimento tendente a derribar o gabinete, que D. Pedro foi ao Cartaxo conferenciar com elle, chegando até a offerecer-lhe uma pasta para que Saldanha se não prestasse a auxiliar qualquer movimento. Saldanha recusou a pasta, e prometteu conservar-se neutral. Aos pares deu-se depois uma especie de satisfação e o gabinete continuou vivendo. Mas quanto lhe não foi mister transigir para se conservar e que esforços não teve de empregar D. Pedro para conservar affastado Saldanha que por mais d'uma vez quiz pedir a demissão do importante commando que tinha no exercito e apresentar-se em Lisboa onde a sua presença quasi que bastaria para expulsar os ministros do poder, taes eram as antipathias que os cercavam.

(*Continua.*)

MARQUES GOMES.

FALTA DE RESPEITO NOS TEMPOS EM COIMBRA

E' motivo de asperas censuras a maneira desenvolta e sem respeito algum, com que frequentemente se vê certos individuos assistir aos actos religiosos nas egrejas. Para elles essa assistencia é motivo unicamente para namoros e troças, em vez de ser acto digno de toda a consideração.

Nem era mister ser uma reunião na egreja para se dever dar uma prova de boa educação. Bastaria que fosse n'uma sala particular, para que toda a pessoa devesse mostrar que não era indigna de alli ser admittida.

Neste objecto é caso para nos envergonharmos a comparação do que se pratica entre nós com o que se vê no estrangeiro nos sectarios de outras religiões. Quem entrar em Londres, Amsterdam ou Paris n'uma synagoga de judeus fica admirado do respeito com que todos assistem aos seus actos religiosos. Ninguem desvia a attenção dos assumptos religiosos e da pratica da sua lithurgia; e por isso quem alli entra, pertencente a religião diversa, fica logo sabendo que se hade comportar com toda a decencia e dignidade quando não é expulso d'alli. Da mesma forma na Inglaterra, em grande parte da Allemanha e na America do Norte nas egrejas dos protestantes, nas egrejas evangelicas e outras seitas, todos estão respeitosamente attentos aos actos que ahi se celebram. Alem d'isso os templos acham-se muito limpos e aceiados, fazendo um notavel contraste com o que se observa n'este nosso paiz, em que os pavimentos das egrejas causam nojo pela incorrecção de procedimento da parte dos assistentes e pela falta de cuidado de quem é obrigado a superintender n'esse objecto.

Em qualquer egreja protestante ou evangelica sabe o visitante que se faltasse ás regras mais triviaes de boa educação, vinha sem demora o respectivo guarda intimal-o para sair d'aquelle logar. Pelo contrario em Portugal são frequentes os abusos e escandalos n'este genero. Em Coimbra, por exemplo, repetem-se os actos de má educação por parte de certos frequentadores das egrejas. Não vão elles alli com o justo fim de tomar parte nos actos religiosos; mas para praticar tudo quanto a sua indole malevola lhes dita. As egrejas para elles não passam de um theatro de feira, ou uma praça de touros. Em tempo, ao terminar da missa do meio dia na egreja de Santa Cruz, vinham para a entrada da mesma egreja grande numero de academicos, que alli troçavam as pessoas que iam saindo, especialmente as senhoras, que eram o alvo das suas grosserias. Houve occasião em que se praticaram n'esta cidade actos repugnantissimos em varias egrejas, não escapando a egreja das religiosas de Santa Thereza. E' bem sabido o grave conflicto que houve no largo da Sé Velha, na occasião em que alli passava uma procissão do Sacramento.

Tambem houve tempo em que chegou a malvadez a ponto de se pregarem as extremidades dos vestidos das senhoras ao sobrado de uma egreja, para ellas os rasgarem quando se levantassem. Tem variado, segundo as epocas, as egrejas em que os discolos mais se distinguem nas troças. Ultimamente o local de preferencia escolhido por elles tem sido a capella da Santa Casa da Misericordia. Para commodidade do publico manda a meza da Santa Casa celebrar nos domingos missa ao meio dia, na sua capella.

Vão, portanto, muitos academicos ahi, e ao sair o publico da capella praticam as suas costumadas gentilezas. Collocam-se em alas, forçando os fieis a passar por entre elles; sendo principalmente as senhoras victimas dos seus desaforos. N'um dos ultimos domingos foi praticado com uma senhora um acto tão revoltante, que se ahi se achasse alguma pessoa da sua familia, de certo provocaria um grave desforço pessoal. Varias familias já ha muito evitam ir a esta missa, para não serem enxovalhadas por tão grandes atrevidos e insolentes.

Em vista d'estes e outros escandalos alli praticados por aquella sucia de insubordinados, o digno provedor da Misericordia manifestou a formal resolução em que estava de que se taes factos se repetissem, sem que as auctoridades tomassem as devidas providencias, mandaria cessar a referida missa na capella d'aquelle estabelecimento. Com effeito, no domingo ultimo compareceu na capella da Misericordia o sr. commissario de policia, com alguns guardas, muito resolvido a proceder severamente contra aquelles malcreados, que vem com o seu torpe procedimento deshonrar as suas familias, que na boa fé os mandam para Coimbra, estando bem longe de imaginar o que elles aqui praticam.

Esperâmos que o sr. commissario de policia vigiará, e fará vigiar cuidadosamente os auctores d'essas e outras que taes indignidades, para os reprimir e fazer devidamente castigar. E' isso até um beneficio para os academicos bem educados e applicados ao estudo, que de certo hão de condemnar aquelles que pelo seu malevolo procedimento envergonham a sua classe. Torna-se necessario pôr um termo a certos abusos. O jogo deve ser rigorosamente reprimido, porque é a ruina dos estudantes e das familias que para aqui mandam seus filhos.

Não pode tambem deixar de causar extranheza a relaxação a que chegou o trage academico. Muitos estudantes apresentam se na rua, com trage improprio de mancebos que prezam a sua dignidade. O trage talar está, para aquelles a quem nos referimos, substituido por casacos curtos, com a capa dobrada sobre um dos hombros, como os cobrejões dos campinos. Os arrieiros não procederiam mais semcerimonia. Andam assim habilitados a mudar de trage mesmo na rua. Pois antes se extinga o trage academico do que se tolere o que por ahi se vê, contra as disposições do *Regimento da policia academica*.

JOAQUIM MARTINS DE CARVALHO.

MANUEL FERNANDES THOMAZ

A'manhã, 19 de novembro, diz o *Conimbrecense* de 18, faz 71 annos, que em egual dia e mez de 1822 falleceu na rua do Caldeira, em Lisboa, o benemerito patriota Manuel Fernandes Thomaz. O chefe da revolução liberal de 1820; o cidadão que pela sua influencia pessoal e politica podia ter adquirido avultados meios de fortuna, achava-se na sua grave e mortal doença, *sem ter em casa com que se compras se uma gallinha para lhe fazer um caldo!* Logo que isto constou, alguns dos seus amigos, principalmente os administradores do contracto do tabaco, promoveram uma subscripção, para com o seu producto acudir á deploravel situação em que se achava o principal fundador da liberdade portugueza. Depois do fallecimento de Manuel Fernandes Thomaz ficou a sua familia em deploraveis circumstancias, pelo que se continuou a promover a subscripção. Aqui em Coimbra, o administrador dos tabacos, Manuel Joaquim Pereira Valente, morador ao fundo da praça de S. Bartholomeu, agora praça do Commercio, como n'essa epoca se não publicava periodico algum n'esta cidade, fez espalhar um papel avulso, com letras em grandes caracteres typographicos, de que temos aqui á vista um exemplar, dizendo o seguinte:

«Manuel Joaquim Pereira Valente, actual administrador do contracto do tabaco, n'esta cidade, faz saber ao publico, que nas casas da sua residencia se acha aberta a subscripção annunciada no *Diario do Governo*, n.º 276, a favor da viuva e filhos do illustre cidadão Manuel Fernandes Thomaz. Coimbra, 1 de dezembro de 1822.»

As cortes votaram uma pensão a favor da viuva e filhos de Manuel Fernandes Thomaz; mas com a queda do systema liberal de maio a junho de 1823, essa pensão não foi levada a effeito. N'aquelle tempo os homens mais importantes do partido liberal morriam sem terem em casa com que se alimentar e as suas familias. Hoje quasi todos tratam de explorar a nação, procurando obter altos empregos e rendosas commissões. O que na actualidade predomina não são as crenças, mas o mais sordido e torpe egoismo.

A VITICULTURA NA BAIRRADA

Visitando, ha pauco, esta região, tivemos occasião de observar o estado em que se encontra a sua viticultura. A cultura da vinha era quasi exclusiva n'aquelles terrenos. A phylloxera destruiu-a quasi completamente. São rarissimas as vinhas conservadas pelo sulfureto de carbonio; começa-se agora a pensar na reconstituição pelas cepas americanas. A escola de viticultura exerce alli uma poderosa influencia; o seu director, o sr. Tavares da Silva, tem replantado os terrenos desvastados com vinha americana, e este exemplo tem fructificado. São tambem notaveis outras plantações, entre as quaes mencionaremos as do sr. José Luciano de Castro, que lhe pertencem por herança do sr. Alexandre de Seabra, sabiamente dirigidas por sua ex^ma esposa com uma actividade e uma dedicação inexcediveis; e as do sr. J. de Sampaio Alegre, que é um viticultor moderno, muito conhecedor dos progressos da sciencia viticola.

Nas largas propriedades do sr. Luciano de Castro ha vinhas muito bem conservadas pelo sulfereto de carbonio; algumas mesmo restabelecidas por este inseticida e adubos. Mas o que se torna notavel são as plantações de americanas, muito bem feitas, bem alinhadas e com grande largura para serem lavradas. Muitas d'estas plantações foram feitas em outubro e plantadas em março. Estão excellentes. A principal propriedade do sr. Luciano de Castro, a quinta das Felgueiras, uma das melhores do districto, tem largos viveiros que vão ser exertados para depois serem plantados os barbados enxertados. Boa pratica esta que dá plantações sempre seguras.

A Bairrada tem já exemplos locaes que indicam aos lavradores qual o melhor caminho a seguir para luctar com a philoxera, e tambem já os teve para luctar com o *mildiu*. Houve alli quem tivesse o dobro do vinho que havia tido o anno passado, pelo facto de luctar a tempo por meio do caldo bordelez.

Que os benemeritos lavradores não desanimem, e continuem a prestar exemplo e coragem aos menos abastados e mais fracos d'animo.

FRANCISCO D'ALMEIDA E BRITO.

O QUE É O RIFF

A provincia do Riff é uma das maiores e mais povoadas d'esse enorme territorio africano sujeito ao dominio do sultão. Na costa abrange toda a vasta linha que vae desde as immediações de Tetuan até Nemours. Os limites do interior vão a distancia espantosa. O Riff abrange extensos desertos e innumeras montanhas. O paiz é quasi todo accidentado e de uma fertilidade extrema. Nos seus planaltos gosa-se de um clima temperado e saudavel. A sua população é enorme. A cada passo se encontram herdades rusticas enchendo as grandes planicies, aldeias pittorescas, onde não faltam, ao lado das cubatas, edificações de pedra e cal, plantações de cereaes, mattas soberbas. E' grande a sua riqueza natural em minas, aguas thermaes não exploradas, e bondade do solo que produz abundantemente. Os seus productos principaes são madeiras, sobretudo as de pinho, as melhores conhecidas (ha florestas enormes por toda a parte) cereaes, mel e cera. Tem fama em todo o Mediterraneo o mel branco de Riff. Com esse commercio os riffenhos auferem grandes lucros. Os seus generos são transportados, principalmente, para Tetuan, de onde depois seguem para outros mercados, em pangaios primitivos, identicos aos que fazem a carreira de Moçambique a Madagascar.

Meios de communicação na provincia nenhuns. Não ha uma unica estrada. Os riffenhos são avessos a toda a idéa de progresso. Os seus caminhos são estreitos carreiros de cabras, que se cruzam em todos os sentidos, como um labyrintho, e por onde só os naturaes sabem transitar. Tudo primitivo, como de resto em todo o sertão. O proprio sultão de Marrocos se oppõe a quaesquer melhoramentos materiaes. Ha pouco mais de um anno alguns habitantes de Tetuan pretenderam abrir uma estrada de um kilometro de extensão para um ponto pittoresco nas immediações da cidade, e que é o passeio habitual da gente da terra. Pois o sultão mal soube do projecto mandou emissarios para prohibirem a obra e com ameaças de castigos severos.

Tal é a traços rapidos esse paiz por onde ainda nenhum europeu transitou e que no imperio de Marrocos tem um logar áparte, envolto como se acha em grandes sombras de mysterio.

OS RIFFANHOS

O typo riffenho lembra o homem do Norte. São altos, corpulentos, espadaudos, loiros e de olhos azues, notando-se nos que habitam as regiões quentes um bronzeado produzido pelos raios do sol. No interior pontos elevados, são alvos como os allemães. Usam em geral a barba toda, mas o cabello é rapado até á nuca. Apenas no alto da cabeça deixam crescer o cabello, que entrançam como os chinas, e que pende ao longo das costas. O olhar do riffenho é desconfiado e acerado, produzindo em que o fixa uma impressão inexplicavel de repulsão. São valentes. Nenhum outro povo os eguala em bravura. Na guerra de Africa foram os que mais deram que fazer aos hespanhoes, batendo-se como leões, morrendo ás centenas e não recuando nunca um passo na frente do inimigo e dos maiores perigos. Adoram a sua patria com idolatria e não a quem vêr profanada pelos christãos, que odeiam profundamente. Esse fanatismo sublime leva-os a baterem-se com denodo por essa causa santa. A morte não os amedronta. Morrer pela sua terra é uma gloria e uma honra. Não ha morte mais bella. Assim, praticam heroismos que ficam ignarados e que envergonhariam os heroes de Benaparte. Riffenho cahido em combate contra o christão não é pranteado. Cahiu como devia. Os que ficam vestem o lucto branco dos oito dias e conformam-se. Tinha de ser. E com este principio fatalista manteem esse imperburbavel estoicismo caracteristico dos que sonham na sua cega crença com as recompensas lá de cima. Heroes até ao inacreditavel! O christão, o europeu, é detestado com ancia e desgraçado de aquelle que se atreva a pisar os seus territorios. Alguns teem-se aventurado no interior, com trajos mouriscos, mas estes não voltaram nunca. A loucura e a temeridade pagaram-as com a morte. O riffenho não quer que a sua patria seja profanada por nenhum homem de chapeu. E' por isso que pouco ou nada se sabe do que se passa além das fronteiras.

As mulheres são valentes como os homens. Elegantes e formosas, teem como requinte de bom gosto pintar as caras com côres variegadas, o que lhes dá um aspecto phantastico. Em tempo de paz trabalham nos campos. Em tempo de guerra acompanham os maridos aos combates e ajudam os nas construcções de trincheiras, carregam as armas, transportam cartuchame, etc. São de grande actividade e o seu concurso é importantissimo. Ellas e elles são frugaes, e a sua alimentação favorita consta de vegetaes, tendo predilecção decidida pelas cebolas cruas e pão de milho.

NOTAS CURIOSAS

Os riffenhos são uma raça original, de um caracter altivo e independente. Tudo leva a crer, por esse caracter selvatico e por vagos dados tradicionaes, que os riffenhos são descendentes dos terriveis antigos piratas marroquinos, sanguinarios bandidos de que tantos horrores se contam e que, para fugirem a perseguições, escolheram as paragens do Riff, então despovoadas, onde se estabeleceram, e de alli saiam para sortidas, infestando todo o Mediterraneo e levando o terror a todos os portos. Com o decorrer dos tempos os piratas transformaram-se e desappareceram, e começaram a explorar a agricultura. Fixados definitivamente na extensa região por alli ficaram, prendendo-se a ella. Hoje querem lhe entranhadamente e o seu amor patrio é proverbial. São tributarios do sultão, mas esses tributos pagam-os, quando os pagam. O imperador é por elles acceito, mas não acatado. Não lhe reconhecem poder nem auctoridade. Vivem independentes e não acceitam ordens nem imposições.

A soberania do sultão é apenas nominal. Havendo visitado todas as provincias, nunca poz os pés no Riff, por medo. Ha annos pretendeu ir alli, mas oppozeram-se a isso os seus ministros, sobretudo o dos estrangeiros. Mohamed Torres, homem intelligente e de bom conselho, seu braço direito, se não cabeça dirigente. No Riff tem o sultão de Marrocos um representante, o *bácha*, ou governador, que nada governa, e que as varias kabilas, as tribus, acatam e toleram, mas não respeitam, nem attendem, sempre que se lembre de intrometter-se nos seus negocios internos. Bem o tem prevado o insuccesso das diligencias do actual *bácha* junto dos riffenhos para que obedeçam ao sultão depondo as armas. O sultão foi e será desobedecido, e, como teme esse povo terrivel e valente, é de esperar que não pretenderá ser obedecido pela força. Os riffenhos poderão pôr em pé de guerra e com armamento moderno, quasi todo de fabrico hespanhol, 60 ou 70 mil homens que se defenderão com vantagens n'aquelle paiz montanhoso. A Hespanha que tem dispendido já mais de 4:000 contos vae empenhar-se n'uma acção perigosa que terá de resolver com os seus proprios recursos, não sendo provavel que o sultão a auxilie, pois que em Marrocos a mobilisação das suas tropas é difficil e demorada. Essa guerra custará rios de dinheiro á Hespanha, que, se vencer, saberá pedir largas indemnisações. Então apparecerá o imperador, mas só para pagar, como responsavel pelos actos dos seus subditos.

CARTA DE CADIMA

20 DE NOVEMBRO DE 1893.

Ladrões.—Aprehensão de roubo.—Desprestigio d'auctoridade.—Prisões.

Effectuou-se aqui, na sexta-feira, uma rusga aos larapios, que comquanto *alguem* queira aparentar de official e humanitaria, não deixou de revelar comtudo, pela malicia e traficancia com que em parte foi operada, grandes responsabilidades e concumitancia com quem a promoveu.

Relatemos os factos sem objurgatorias rancorosas, mas sim a verdade e só a verdade. E se certa gente não gostar do apetitoso prato que lhe vamos offerecer, terá necessariamente de resignar-se com o antigo rifão: —*quem não quer ser rapoza não lhe vista a pelle.*

Ora vamos lá. Na tarde do dia 16 um dos ladrões em chefe —o celebre Camarão—de Taboeira, por isso que alguns dos seus subordinados *no officio* marcharam, sem lhe darem cavaco, para a feira dos 15 (proximidades de Estarreja), veio a Cadima, despeitado, avisar cabos ruraes para irem prender uma caterva de ladrões que no comboyo das 7 horas da tarde havia de desembarcar no apeadeiro de Lemede. Os cabos foram, mas não veio ninguem; não faltando comtudo os respectivos commentarios. No dia seguinte á mesma hora um garoto, ao ver passar na rua, em frente da mercearia do nosso amigo sr. Antonio Francisco das Neves, uma boa porção de vultos, gritou instinctivamente: —*Alli vão os ladrões!* Isto revolucionou toda a gente que estava na loja e visinhos; salta tudo para a rua—*agarra que é ladrão*; estabelece-se uma confusão diabolica e no meio de tudo isto os larapios esgueiraram-se, sendo apenas seguidos pelo cabo Pereira, Albino Serrano, o supradito garoto e mais dois individuos. O cabo Pereira e Albino Serrano agarraram duas mulheres e um homem, *subtrahiram-lhe as saccas que levavam* e que d'ahi a momentos voltaram a entregar *depois de lhes tirarem parte do contheudo* (6 covados de catrapianha, 5 ditos de panno fino, cachenés, camisolas, etc.) Feita esta operação deixaram-os ir em paz, dizendo-lhes: —*Se não querem que vos accusemos deem-nos agora 5 tostões para uma pinga!* Que revoltante cynismo! E é a estes individuos que se confia a missão de cabo rural; e são taes individuos que hão de fazer respeitar a auctoridade? Mas como?!... Com que direito, caracter e moralidade?!...

Porém, vamos adiante. Recebidos os 500 reis, os subtractores intimaram o garoto supracitado a *que não descobrisse nada porque tambem lhe dariam alguma cousa!* Se bem prometteram bem faltaram; e o rapaz, vendo que elles gastavam o dinheirito e nada participava da patuscada, começou passeando rua abaixo rua acima, encolhendo os hombros e dizendo muito graciosamente: —*elles não me dão nada, mas... é digo...* E disse-o, com effeito. Descoberta a tramoia a opinião publica postou-se toda desfavoravel perante os dois agarradores de ladrões, cognominando-os não como tal, mas sim de *salteadores*, cujo appellido não é mais lisongeiro. E na verdade assim é. Quem nos diz a nós que d'aqui a dois dias não soffreremos *de taes auctoridades* o mesmo insulto que aquelles suppostos larapios (José Gomes Mioto, Rosa Sargaça e Maria Camarôa, todos da Corga), acabam de soffrer? Elles é que se não intimidaram com tal *escroquerie* e foram aconselhar-se! O cabo Pereira e Albino Serrano, vendo-os marchar para Cantanhede e receando ficar enrascados, foram ter com o sr. administrador do concelho entregando-lhe então tudo o que haviam subtrahido e além d'isso tambem os *500 réis* que já haviam gasto nas tabernas, promovendo assim uma busca official ao domicilio do Mioto, Sargaça e Camarôa, e, em seguida, a sua prisão.

Perguntamos agora nós. Será licito assaltar-se um cidadão altas horas da noite sem culpa formada? Dando mesmo de barato que a opinião publica indigite um individuo como ladrão, uns simples cabos poderão captural-o sem ser em flagrante delicto? Que epitheto e destino deveriam ter os dois suppostos cabos depois de subtrahirem, *para utilidade propria* (porque até chegaram a dividir entre si o que haviam tirado) parte do roubo, entregando o resto, e exigindo ainda por fim *cinco tostões para uma pinga a fim de nada divulgarem?* Os nossos respeitaveis leitores que respondam, porém a nossa opinião está formada: —E' que todos deviam ser mettidos no chelindró; uns pelo simples roubo; e outros, não só por isso, se não tambem por abuso e desprestigio da auctoridade superior.

— Torna-se cada vez mais sensivel a necessidade que ha em vedar por completo o adro da egreja parochial, pois que quasi diariamente por alli desaforadamente andam animaes pastando e só ha oito mezes é que alli se deixou de enterrar cadaveres. Bradamos, pedimos providencias na folha mais lida n este concelho (o *Jornal de Cantanhede*) e ninguem se resolve a cumprir as suas obrigações, preterindo e obliterando assim o mais sacrosanto respeito que todos devemos ter perante as veneradas cinzas dos nossos maiores!

— Teem por aqui apodrecido muitos milhos das primeiras colheitas. O vinho já se vende a 1$740 réis os 22 litros.

— Chegaram ultimamente alguns *brazileiros*, d'esta freguezia, vindo accoçados pela guerra civil que tão cara tem ficado e ha de ficar áquelle, ainda ha pouco, tão opulento paiz.

— Brilhante o artigo—*A aposentação parochial*—inserto em o n.º 227 dos *Successos*, e altiloquentemente nobre o sentir de quem o inspirou. O que alli se diz são verdades causticantes, mas verdades como punhos. Mais de perto ainda as poderá apreciar, quem como a nós, lhe tiver passado pelas mãos documentos que comprovam o grande afan e continuo instar que sobre tal assumpto o nosso respeitabilissimo Prelado conimbricense tem posto em actividade, perante o governo; mas que, como toda a classe ecclesiastica, tem de assistir (por emquanto...!!) pacificamente ao descalabro de consciencias e irregularidades palpitantes de justiça constantemente perpetradas pelos nossos homens d'estado. «—E faz-se isto aos parochos, velhos, doentes, arruinados em serviço, que pelo proprio codigo civil portuguez, são considerados funccionarios do Estado, quando aos servidores da classe civil se anda sempre a metter empenhos para que se aposentem, ainda validos, robustos, saudaveis, vigorosos, cheios de forças, afim de deixarem vagos os seus logares para o faminto afilhado, que está á porta da secretaria para entrar... obrigam-nos a deixar os logares para servirem de *chuchadeira* aos amigos que ainda não poderam, mas que querem mamar!» E etc... etc...!

Nunca as mãos lhe doam, carissimo collega. A causa prescinde de defeza, porque é nobre, justa e sancta. Porém como n'este seculo das luzes toda a nossa *gentinha lá de cima*, parece não vêr rego direito (haja vista os monopolios, syndicatos, quebras fraudulentas, roubos ao estado, desfalques nos correios, *limpeza* de cofres d'empregados) torna-se necessario expôr friamente, cruamente ao *Zé Palerma*, quaes os occasionadores das desgraças patrias e do desmembramento social que presentemente entre nós se estadeia.

Padre Moysés Nora.

BIBLIOGRAPHIA

Chorographia de Portugal. — São magnificos os mappas que acompanham as folhas 25 a 40 da *Chorographia de Portugal*, illustrada, de Ferreira Deusdado, que os srs. Guillard, Aillaud & C.ª editores, acabam de enviar-nos.

Esses mappas são dos Açores, Madeira, Porto Santo, Cabo Verde, S. Thomé, Guiné e Angola, traçados, como todos os demais da obra, segundo os mais modernos elementos.

N'esta altura do livro refere-se o texto ás ilhas adjacentes e ás provincias ultramarinas cujas cartas acima mencionamos.

Compra-se a obra completa por 1$000 réis em qualquer livraria ou em casa dos editores, Guillard, Aillaud & C.ª, rua Aurea, n.º 242, 1.º, Lisboa.

A casa Guillard, Aillaud & C.ª previne todas as pessoas a quem envia

prospectos, que estes são gratuitos, e unicamente um meio de tornar conhecidas as suas obras, sendo portanto desnecessario que as pessoas a quem elles são enviados os devolvam.

Egualmente previne todos os srs. professores a quem tem sido enviados prospectos-vales da Chorographia do sr. F. Deusdado, que os mesmos são válidos até 30 de novembro, isto em virtude de n'elles se dizer, que só são válidos até ao 1.º d'outubro corrente.

CARTA DE LISBOA

21 DE NOVEMBRO DE 1893.

Chegou o illustre chefe do partido progressista. S. ex.ª tem sido cumprimentado por grande numero de cavalheiros respeitaveis e por innumeros amigos politicos. O sr. presidente do conselho já esteve com o sr. Luciano de Castro. O que se sabe d'este encontro é, que o illustre chefe do partido progressista permanece na intensão de reprovar e de combater mesmo, com todas as suas forças, a projectada dissolução, pelo menos emquanto para ella não houver motivo justificado. E', pois corrente que o governo ha de assistir á abertura do parlamento. Alli não terá a opposição do partido progressista, que o auxiliará até em tudo o que forem medidas financeiras de reconhecida utilidade. O que se duvida, porém, é que o actual ministro da fazenda seja capaz de conceber medida util. Elle é,ao contrario d'isso,o ministro mais esbanjador que tem subido ao poder n'este ultimo tempo—esbanjador e desorganisador. Quem manda uma commissão de medicos de Lisboa a Vianna do Castello e a Valença, com o fim unico de aposentar empregados reconhecidamente aptos para o serviço, diz de si bastante para provar que nem respeita os direitos de funccionarios respeitaveis, nem o dinheiro publico. Uma commissão de medicos de Lisboa para irem ao extremo norte do paiz exercer funcções de inspecção, é extremamente unico. Tinha agora feito, a seu sabor, a reforma do pessoal aduaneiro, mas se é certo o que se diz á ultima hora, os collegas repudiaram-lhe o trabalho, e elle teve de perder-lhe o feitio. A insufficiencia d'este homem está sobejamente provada. Parece até fóra de duvida que elle está alli mais para comprometter as instituições e os collegas, que para outra cousa. O que é fóra de duvida é,que a sua queda, quando ella se verificar, ha-de ser geralmente saudada como um bem que tanto se ambiciona.

— Tem-se dito que para o facto da dissolução havia o mais pleno accordo entre progressistas e regeneradores. Não ha nada d'isso e tanto não ha que o orgam principal do partido, tratando do assumpto em artigo especial, escreve hoje o seguinte:

«Tem-se dito, e affirmado com insistencia, que ha accordo entre progressistas e regeneradores, para o caso da dissolução, que se projecta. E' falso. Se a dissolução se chegar a realisar, no que não acreditamos, o governo encontrará unido e disciplinado deante de si todo o partido progressista, n'uma attitude clara, definida, e abertamente hostil a quaesquer accordos publicos, ou particulares. Esta attitude ha-de resolvel-a o partido, convocado expressamente para esse fim. Antes de entrar em lucta *pela terceira vez* com o partido regenerador, depois de *duas dissoluções consecutivas* concedidas áquelle illustre partido, os nossos correligionarios da capital e das provincias hão de discutir e resolver qual o caminho que lhes cumpre seguir. Consta-nos que são essas as intenções do sr. José Luciano, que não quer para si responsabilidades tão graves, como são as de dirigir os seus amigos em tão difficil conjunctura, sem os ouvir e com elles concordar na marcha da partido.»

Positivissimo o que acaba de ler-se.

— Em dissolução por conseguinte já nem se falla. Sobre o assumpto os jornaes do governo callaram-se. E' que encontraram o terreno duro.

— Ao nosso honrado amigo, sr. Carlos de Faria e Mello, escriptor distincto e cavalheiro do mais primoroso trato, acaba de ser conferio do titulo de Barão de Cadouro, que gosará em duas vidas, aproveitando a seu filho sr. Carlos de Faria Milanos. E' uma graça merecida e pela qual felicito o illustre agraciado.

— Tem passado incommodado o sr. arcebispo de Mytilene. Felizmente que está quasi inteiramente restabelecido.

— Parece que o governo brazileiro—o governo de Floriano—não approva o tratado provisorio, celebrado do nosso lado pelo sr. Mattoso dos Santos, o que é para sentir.

— Está no Tejo um navio carregado de dynamite, que traz inquietos uma grande parte dos habitantes de Lisboa. O navio é o *Cabo Crense*, vapor hespanhol, que veio arribado e com avaria na machina. Um perigo, se tirarmos exemplo do que ha pouco succedeu em Santander.

— O sr. conselheiro Luciano de Castro foi cumprimentar El-Rei no proprio dia em que chegou a Lisboa.

Y.

NOTICIAS DO ESTRANGEIRO

Tudo se reduz a muito pouco. A questão de Mellila continua sem resolução difinitiva. A questão do Rio de Janeiro, no mesmo pé. Este estado de cousas, não pode porém prolongar-se por muito tempo: é claro.

ANNUNCIOS

ARREMATAÇÃO

A Camara Municipal do concelho de Anadia, faz publico que, no dia 10 de dezembro, proximo futuro, na villa de Anadia e paços do concelho se hade proceder, pelas 10 horas da manhã, á arrematação de fornecimento de carnes verdes de boi, vacca ou vitella, para consumo dos habitantes do concelho, durante o proximo futuro anno de 1894. O fornecimento será adjudicado, se assim convier.

As condicções da arremação acham-se patentes na Secretaria da Camara, em todos os dias não sanctificados, das 8 horas da manhã ás 2 da tarde.

Anadia, 20 de Novembro de 1893.

O Presidente da Camara,
Barão do Cruzeiro.

HOSPITAL DA SANTA CASA
DA
MISERICORDIA D'AVEIRO

POR deliberação da meza administrativa d'este estabelecimento, está aberto o concurso documental até ao dia 10 do proximo mez de dezembro, para preenchimento dos logares de enfermeiro e enfermeira, no mesmo hospital, que se acham vagos, e com o vencimento diario de 500 réis.

As condições e mais esclarecimentos acham-se em poder do cartorario da Irmandade.

Aveiro, 19 de novembro de 1893.

O cartorario,
Francisco d'Assis Marques Gomes.

FUNDIÇÃO DO OURO
PORTO

A Fabrica de Fundição do Ouro, fundada em 18[illegible] por Luiz Ferreira de Souza Cruz, seu actual director e gerente, *que foi premiada com as primeiras medalhas na exposição industrial portuense de 1861, sendo uma por distincção; com a medalha de prata na exposição agricola de Braga em 1863; com a medalha de honra na exposição agricola de Lisboa em 1864; com o diploma de merito na exposição Universal de Vienna d'Austria em 1873, e com a medalha de 3.ª classe da Associação Nacional, Agricola, Manufactureira e Commercial de Pariz em 1879,* acha-se hoje extraordinariamente augmentada com importantes machinas para auxilio dos seus trabalhos, e por isso muito habilitada para a construcção de machinas e caldeiras de vapor, tanto para terra como para mar, até á força de 200 cavallos, de qualquer dos systemas mais aperfeiçoados e uteis. Motores hydraulicos, machinas de destilação, prensas para azeite e para vinho, e toda e qualquer obra de ferro fundido ou batido, metal, cobre ou bronze.

Porto, 9 d'outubro de 1893.

INSTRUMENTOS DE ELETRICIDADE

COLLOCAM-SE campainhas electricas, botões de chamadas, quadro indicador de chamadas, portavozes, etc.

Observam-se e concertam-se, todos os instrumentos eletricos de qualquer systema, tanto em Aveiro como fóra d'esta cidade.

Dirigir carta a Antonio Maria Duarte, estação telegrapho-postal—AVEIRO.

VENDE-SE

UM carro de 4 rodas, com tolde de verniz da Russia, com 4 logares dentro e dois fóra, com 2 cadeiras. uma atraz e outra adiante, construido ha pouco tempo na casa Latourette, do Porto. Quem o pretender póde dirigir-se a Antonio José de Freitas Guimarães, de Pardelhas, concelho de Estarreja.

TINTA PENINSULAR

Joaquim dos Santos e Silva, chefe dos trabalhos praticos do Laboratorio Chimico da Universidade de Coimbra, socio effectivo do Instituto de Coimbra e da Sociedade Chimica de Berlim, e socio honorario da Sociedade Pharmaceutica Lusitana; e Charles Lepierre, engenheiro pela Escola de Physica e Chimica Industrial de Paris, professor de Chimica na Escola Industrial de Coimbra e membro da Sociedade Chimica de Paris:

Declaramos que tendo examinado as *tintas de escrever, preta e de copiar,* da fabrica do sr. Alvaro Esteves Castanheira, de Coimbra, e tendo um de nós assistido á sua fabricação, achámos que ellas estão nas condições de poderem substitnir as melhores marcas estrangeiras. E podemos accrescentar, que estas *tintas* não criam bolor, como acontece com muitas outras, o que é devido não só ao aceio na sua preparação, mas tambem aos processos inteiramente novos que introduzimos no modo de lhes conservar as suas qualidades primitivas sem prejudicar o resultado final, que consiste em fornecer ao publico um producto sempre da mesma composição e ao mesmo tempo hygienico. Com effeito, sabe-se que um grande numero de tintas estrangeiras são addicionadas de bichloreto de mercurio, antiseptico energico que conserva a tinta, mas que lhe dá propriedades nocivas, pois que este composto é um poderoso veneno, que póde occasionar graves accidentes, visto o costume que as crianças têm ordinariamente de levar a tinta aos labios Estes inconvenientes não podem ter logar com as tintas que examinámos.

Tambem assistimos na mesma fabrica á preparação do **lacre** de differentes côres, e pelos ensaios sobre a sua fusibilidade, a facilidade de combustão sem se tornar preto, etc., comparados com os productos de procedencia estrangeira, ficámos convencidos de que o **lacre** nacional da fabrica do sr. Alvaro E. Castanheira não é inferior em qualidade ao **lacre** estrangeiro.

Finalmente. o nosso exame ainda se estendeu ás *tintas de cores e de marcar roupa, gommas e collas liquidas,* que achámos serem de excellente qualidade, apresentando todas as garantias de perfeita conservação.

E por ser verdade passamos a presente declaração que assignamos. Coimbra, 6 de janeiro de 1893. — (a) *Joaquim dos Santos e Silva*—(a) *Charles Lepierre.* (Segue-se o reconhecimento).

VENDE-SE

UMA grande porção de madeira de eucalipto já servida, e bem assim algumas portas e caixilhos para janella já usados. Quem pretender falle com o mestre d'obras Antonio de Sousa, que está encarregado da venda.

CREADA DE DENTRO

Precisa-se de uma creada para todo o serviço de dentro,incluindo o tratamento de creanças. Prefere-se a que tiver melhores abonações.

N'esta redacção se diz.

CANCIONEIRO DE MUSICAS POPULARES
PARA PIANO E CANTO
por
Cesar das Neves e Gualdino de Campos

Summario do 1.º fasciculo:—«As melodias portuguezas,» prologo por Theophilo Braga; «O lavrador da arada,» lenda religiosa; «Canção do figueiral,» trobadoresca, com uma traducção por Anthero do Quental; «Canna verde,» chula de Braga; «Então és o meu amor,» descante de Amarante; «Oh que saleiro!» choreographica de Penacova.

Preço do fasciculo de 16 paginas, para os assignantes, 200 réis; avulso 400 réis.

Empreza editora Cesar, Campos & C.ª rua da Fabrica, 80, Porto.

A' venda em todas as livrarias e armazens de musica.

GRANDE LIQUIDAÇÃO

JOSÉ DOS SANTOS GAMELLAS & FILHO, retirando da vida commercial, liquidam todos os generos que tem no seu estabelecimento e que constam do seguinte:

Grande quantidade de vinhos finos nacionaes e estrangeiros, cognacs, licôres, genebra, champagne, aguardente de canna, cervejas nacionaes e estrangeiras, variadissimas qualidades de conservas, bolachas, dôces, massas e farinhas para sôpa e dôce, pássas de Malaga, cartonagens para amendoas, chás, café, arroz, assucares e muitissimos outros artigos que seria impossivel innumerar.

Tambem se vende a armação do estabelecimento e todos os seus pertences, assim como se alluga a loja, casa e armazens, a principiar em 1 de janeiro de 1894.

Avisamos todas as pessoas com quem têmos transacções, a apresentarem-nos as suas contas até 15 de dezembro, para serem devidamente pagas; e avisamos todos os nossos devedores para nos pagarem as suas contas, até ao mesmo dia 12 de dezembro, sob pena de serem obrigados judicialmente, ou as dividas serem vendidas em praça.

Aveiro, 20 de novembro de 1893.

José dos Santos Gamellas & Filho.

UNICO DEPOSITO
DE
FUNDAS NACIONAES E ESTRANGEIRAS
DE
ANTONIO TEIXEIRA DA MOTTA
RUA DE D. PEDRO, 87
PORTO

GRANDE sortimento de todas as classes de **fundas** dos melhores systemas conhecidos, fazendo-se por medida para todas as roturas, cujas necessidades só assim pódem ficar garantidas. Tambem se fazem **fundas** para creanças, curando-se todas, sem ser por milagre, mas só com o uso das **fundas** d'esta casa e o competente exercicio physico. N'este estabelecimento encontra-se um grande sortimento de **cintos umbelicaes-mechanicos,** assim como **meias elasticas, suspensorios escrotais,** etc., etc.

No mesmo estabelecimento faz-se toda a qualidade **d'apparelhos orthopedicos** para todas as deformidades que aparecem no corpo humano e que seja compativel a sua applicação. O systema porque são executados estes **apparelhos e fundas** é bem conhecido dos **ex.mos medicos portuguezes** e de muitos estrangeiros, que os recommendam aos seus pacientes com a maxima confiança.

E como não ha de ser assim, pois que se a digna classe **medica portugueza** viu pela primeira vez fabricados em Portugal, **apparelhos** e **fundas** com perfeição, e satisfazendo aos que soffrem conforme as suas necessidades, devem-n'o unicamente só a mim, sendo o primeiro que ha 32 annos introduzi no paiz o ramo **orthopedista,** fazendo-o sempre acompanhar de todos os melhoramentos e descobertas que tenho feito á custa d'um aturado estudo, e segundo as necessidades que se tem apresentado. N'este ponto nada tenho que receiar, nem invejar dos estrangeiros.

Previno, por isso, os dignos **facultativos** e os meus numerosissimos freguezes para que não confundam o meu estabelecimento com outros de egual genero que ha na mesma rua e cujos proprietarios foram meus officiaes.

Antonio Teixeira da Motta.

PÓS DE KEATING
PÓS DE KEATING
PÓS DE KEATING

MATAM

PULGAS
PERCEVEJOS
BARATAS
TRAÇAS
MOSCAS
FORMIGAS

ABSOLUTAMENTE *inoffensivos para os animaes domesticos,* são infalliveis na destruição de parasitas e insectos nas suas differentes phases. Em resultado da grande venda que teem estes pós em todo o mundo, numerosas imitações apparecem á venda e que são ineficazes. Exija o publico que as latas tenham a assignatura do inventor *Thomas Keating,* e embrulhadas em papel verde. *Agencia e venda só por grosso, rua dos Fanqueiros, 114, 1.º andar—Lisboa;* venda por grosso na Pharmacia Barral em Lisboa e em todas as principaes pharmacias e drogarias do reino.

Pós de Keating.
Pós de Keating.
Pós de Keating.

PREGOS D'ARAME

GRANDES DESCONTOS
PARA REVENDER
ENVIA-SE TABELLAS A QUEM AS REQUISITAR
COMPANHIA VICTORIA
Rua das Janellas Verdes
LISBOA

GRANDE HOTEL VOUGA

EFFECTUOU-SE no dia 10 de setembro a abertura inaugural d'este magnifico hotel, sem contestação o primeiro da cidade, com explendidos commodos, admiraveis vistas para todos os pontos de Aveiro, e comidas de primeira qualidade, a preços reduzidos, em meza redonda ou separada.

O **Grande Hotel Vouga,** em todas estas condicções, excepcionaes, n'uma terra como esta, vem substituir o antigo *Hotel Aveirense,* em edificio proprio, desde o seu começo feito para um estabelecimento grandioso como este. Tem a todos os comboyos carro na estação do caminho de ferro da cidade, gratuito para os seus freguezes, garantia que nenhum outro offerece tanto aqui como lá fóra. Por todas estas razões, que são na verdade extraordinarias, o **Grande Hotel Vouga** deve ser de preferencia procurado por todos, e assim o espera o seu proprietario, que se não poupa a exforços para eleval-o á altura em que se encontra.

DIRECTOR TECHNICO—**E. ESTACIO**

COMPANHIA PORTUGUEZA HYGIENE

FABRICA A VAPOR DE PRODUCTOS CHIMICOS E PHARMACEUTICOS

CAMPO PEQUENO

ESCRIPTORIO PRAÇA DE D. PEDRO, 59, 1.º
PHARMACIA » » » » 60 a 63

Deposito—RUA DO PRINCIPE, 92 A 100

LISBOA

Esta companhia é a **unica** no paiz que fabrica em grande escala es por processos, machinas e apparelhos os mais modernos e aperfeiçoados, grande numero de *preparações e especialidades chimico-pharmaceuticas* em perfeição de acabamento egual ou superior ás simulares d'origem estrangeira, sendo porém as de seu fabrico *garantidas* pela companhia, nos seus componente, tanto em quantidades, como em qualidades e por preços *excessivamente menores.*

Além d'isso a companhia negoceia em todos os artigos que interessam ás classes de *medicina, cirurgia, pharmacia, e chimica,* taes como objectos de cautchouc, apparelhos de laboratorio, etc., sendo pela sua dupla qualidade de fabricante e commerciante em grande escala, a casa *fornecedora mais conveniente e completa de pharmacias, hospitaes, laboratorios chimicos, etc., etc.*

Fornecem-se catalogos e informações a quem as requisite

FABRICA DE PRODUCTOS CHIMICOS
E
PHARMACEUTICOS

RUA 24 DE JULHO, 382,—**LISBOA**

A. DA CUNHA & BASTOS

N'ESTA fabrica preparam-se já os seguintes artigos que vimos recommendar ao publico:

ALGODAO hydrophilo, borico, hemostatico,dito ao (frasco de 100 grammas),io do formado, phenico, salicilado, com sublimado, com thymol.—BRILLANTINE.—CARVAO vegetal lavado, pó, dito frasco de cap. de 250 grammas, dito vegetal granulado, dito frasco de 250 grammas.—CONFEITOS de aloes, brometo de camphora, chloreto de ferro, copahiba, cupahiba e cubebas, ergotino 0,1—lactato de ferro, sulphato de quinino 0,2—EMULSAO de oleo de figados de bacalhau com hypposphosphitos.—Grangêa de semen-contra.—Grãos de Saude, f. de Frank.—GRANULOS antimonio ferruginosos, arseniato de antimonio, arseniato de ferro, arseniato de soda, arseniato de strychinina, granulos strophantus.—YRRIGADOR d'Esmarck.—PILULAS Blaud, Blancard, Wallet, ditas de Wallet prateadas.—PASTILHAS comprimidas em frascos como as inglezas com tampa de metal, em caixas de 12 frascos; de antipyrina 0,25, de bi-carbonato de soda, de bi-carbonato e cocaina, de bi-carbonato e saccharina, de chlorato de potassa, de chlorato de potassa e borax, de carvão e iodol, de carvão e salol, de carvão e naphtal, de cascara sagrada: de coca, de coca e kola, de Guarand, de jalapa composta, de menthol, de sublimado corrosivo, de carvão (f. Belloc (caixa), de chocolate com santonina, de chocolate com santonina e calomelanos. RHUIBARBO granulado (f. Mentel). RHUM E QUINA em frascos do formato Roger e gallet, dito em caixa de 12 frascos. SINAPISMOS caixa de 10 e de 100. (Pode imprimir-se o nome do comprador sem augmento de preço conforme a quantidade).—SEDLITZ granulado kilo, dito em frascos de 250 grammas, formato Chanteaud. VELOUTINE branca ou rosa, caixas modelo Coudray.

Estes preparados recommendam-se pelos bons resultados obtidos, barateza e descontos.

Os annunciantes não tendo a menor duvida da qualidade d'elles, remettem amostras a quem as requisitar para a RUA 24 DE JULHO, 382, LISBOA.

CAMBISTA TESTA

78, RUA DO ARSENAL, 78

ESTA casa é a que offerece as melhores vantagens em todas as operações de cambio e loterias. Esta casa é a unica que vende os bilhetes da loteria portugueza a 5$000, meios bilhetes a 2$500 e decimos a 500 réis. Basta addicionar ao pedido o porte do correio e dirigir ao cambista José R. Testa.—LISBOA.

DIRECTOR E RESPONSAVEL—*M. F.*

Typographia Aveirense, Largo da Vera-Cruz.—Séde da administração Rua da Vera-Cruz, Aveiro.

tes de tudo, derribar o homem que é um dos seus mais firmes apoios. Estes individuos accendem a guerra civil, sustentam a luta por espaço de nove mezes, ameaçam o throno, e pôem a sociedade em perigo, porque ninguem sabe quaes seriam as consequencias de uma victoria em que tomassem parte tantas hordas indiciplinadas. Estes mesmos individuos, findo o conflicto, veem sollicitar a demissão do mesmo homem, a quem antes abertamente guerrearam, e contra quem provaram a sua animosidade, e as razões que lh'a inspiravam, por todos os modos possiveis. Póde o testimunho de taes individuos ter o caracter de imparcialidade, de integridade e insuspeição que se exige n'um acto de justiça? E' evidente que não.

Mais: um jornalista, suspeito já por todos os seus actos anteriores, combina no seu escriptorio uma nova calumnia com um agente, reconhecidamente agente do seu partido; dá-lhe publicidade e promove o escandalo: é depois, este mesmo jornalista, um dos signatarios de um requerimento que apresenta por unicas razões da pretenção, os proprios aleives, forjados, combinados por esse signatario. Não é tambem um testimunho este bem independente e bem desinteressado, como o deve ser todo o que é destinado a constituir prova em causas de tal gravidade?

N'esta situação o requerimento não significa senão a vontade particular dos antigos chefes e orgãos da junta; não é senão um novo meio, ou, antes, o ardil substituido á violencia para destruir uma das prerogativas da corôa, para a cogir na escolha dos seus ministros: primeiro foi com as armas, hoje é com a hypocrisia; o modo é diverso, o fim é o mesmo.

No requerimento é accusado o sr. conde de Thomar de se não ter justificado das imputações que lhe foram dirigidas. Ha calumnias de tal ordem, ha tão abjectas e torpes arguições, que não póde nem deve responder-se-lhes. Quando, por exemplo, se affirma que o sr. conde de Thomar possue uma fortuna de 700 e tantos contos, póde-se replicar d'outro modo, que não seja com o sorriso do despreso ou com a simples

O motivo—ou antes o *pretexto,* que não é senão pretexto o mais ridiculo e miseravel — que podia achar-se, que serviu de occasição a manifestar-se o novo *pacto injusto e torpe* da *actual calligação* é mais um argumento para persuadir a exactidão e verdade das nossas asserções. Se d'aquelle não se aproveitassem, aproveitar-se-iam de outro qualquer; porém a *necessidade* de levar auxilio ao seu *irmão* do *Morning Post* suggeriu-lhes a idéa obvia de medicinar a ferida feita pelo dente traidor do animal immundo com o pêllo do mesmo animal; para acudir a um calumniador, inventaram nova calumnia; para abrigar-se das penas devidas a uma infamia, soccorreram-se a outra infamia; a não sairam da especie condemnada, porque no cynismo de que fazem alardo contaram encontrar a força de que precisavam para não succumbir debaixo do peso da propria abjecção! E' o que disse Tacito: *desperatione in audaciam accinguntur.*

E nem ha outro modo de explicar o absurdo e inqualificavel procedimento dos homens da *Nação,* que, inculcando-se campeões do throno, ostentam hoje com a mais *estupida hypocrisia* o descaro e ousadia dos anarchistas!

Alardeando erudição rançosa, e de rapazes da escóla, os homens do *largo do Intendente* abocanham o throno portuguez e todos os thronos, e propoem-se fazer o processo da realeza, amentoando contra alguns nomes distinctos na lista dos soberanos que tem empunhado o sceptro de differentes povos, as solisticas accusações contra elles lançadas pela calumnia, e perversidade dos que desejavam e desejam beber o sangue do ultimo rei no copo feito do craneo do derradeiro monarchista! Eis-ahi a sua estupida hypocrisia!... Já ninguem enganarão, porque se revelaram demasiadamente para que possa ainda alguem com elles enganar-se. São revolucionarios o anarchistas como os que mais cynicamente progam, e promovem a dissolução geral das sociedades. Que podem valer contra as obras as palavras? nada absolutamente! E pelas vossas obras vos julgamos; e são as vossas obras que vos condemnam!

A' lesta Cartistas! os *inimigos da dynastia reinante* os

ção mais humilde até á mais elevada da sociedade, tudo por igual é objecto dos doestos, e das infamias desgrenhadas e miseraveis dos arautos da *nova cruzada.* A propria Soberana é por elles desacatada!...

A *Revnlução* com o despejo proprio de quem tudo deseja aventurar, a fim de vêr se é possivel alcançar alguma probabilidade de *sorte favoravel* no jogo em que está empenhada, convida aos ultimos recursos para desmoralisar os povos, para acostuma-los ás vociferações descompostas das turbas revolucionarias, e para d'esta arte tornar-lhes menos hedionda a face asquerosa do vicio e do crime com que pertende familiarisa-los.

E' por isso, e para isso, que a *Revolução,* sem se importar das consequencias, e confiada nos meios de que tem lançado mão, e nos maneios de que tirou outr'ora alguma vantagem, affronta todos os perigos, e se abalança a todos os excessos.

Adverti-o bem: nos momentos solemnes que precederam a *revolta de Torres Novas,* e nos momentos não menos, se por ventura não mais solemnes que antecederam e acompanharam a *revolta de maio,* a linguagem da *Revolução,* e dos orgãos dos bandos colligados *em nada differia* da que emprega hoje a mesma *Revolução,* e os mesmos orgãos dessas facções impenitentes.

Então os inimigos do throno, da dynastia, e da ordem legal soltaram todas as iras da sua *hypocrita* indignação contra tudo, e contra todos que de qualquer modo podiam pôr estorvos aos intentos criminosos que nutriam, e haviam resolvido levar á execução. Todos somos contemporaneos dessas duas épocas notaveis pelos excessos dos nossos adversarios. Repeto hoje o que fizeram então, porque o que queriram então é o que querem hoje!

Desenganem-se todos: a *Revolução* e a *Nação* pertendem derribar o throno, e substituir-lhe aquella — o ridiculo socialismo inventado em França, e já alli apupado e escarnecido, e esta—o sr. *D. Miguel* com os seus calabouços, e as suas forcas!...

appellação para o testimunho publico e imparcial? Entretanto, essas accusações, os ridiculos inventos, os escandalos atrozes foram já sentenceados perante o tribunal da opinião. Os aleives passados foram solemne e brilhantemente refutados nas duas casas do parlamento, e nunca mais explendida justificação pulverisou mais negra perfidia. As calumnias presentes, desmentidas todas por documentos anthenticos, apreciadas pela analyse dos testimunhos correspondentes, do seu valor moral e da sua importancia social, estão tambem plenamente julgadas. D'um lado ha o testimunho d'um homem obscuro, filiado nos clubs revolucionarios e mais ou menos implicado em todas as revoltas, servo humilde dos chefes, agente secreto das intrigas, e fortemente suspeito pelos seus antecedentes politicos; testimunho previamente combinado no escriptorio das redacções que lhe deram publicidade, e que, por este simples facto, tomando o caracter d'uma evidente parcialidade, se tornou improcedente e nullo: testimunho contradictorio, expresso em correspondencias que denotavam a sua verdadeira inspiração, e que, balbuciando nas evasivas, confirmavam em cada uma dellas a verdade; testimunho emfim apresentado por um homem que as *mesmas* redacções deram ao *mesmo* tempo por intelligente e imbecil, por modêlo de coragem civica, e por exemplar de pueril timidez: do outro lado é a exposição clara e manifesta dos factos; é o depoimento de pessoas insuspeitas e verdadeiramente independentes pela sua probidade universalmente reconhecida, pela sua honra indisputavel e pela sua fortuna e jerarchia. O paralello é eloquente e decisivo. Todas as circumstancias foram expostas á publicidade. Não se recuou diante da opinião. Procurou-se lealmente o seu juizo. O publico viu e avaliou tudo, e essas burlescas invenções, dignas dos seus authores, cairam finalmente no ridiculo, que, desde o principio, as devêra ter fulminado.

Que mais pertendiam? Queriam os tribunaes? Porque os não procuraram? Pois elles não disseram, não quizeram provar, não se mostraram convencidos — de que todo o cidadão podia tornar-se accusador e arrastar aos mesmos tribunaes o